ANNO XXVI — N.º 32
Rio 6 de Agosto de 1932
— PREÇO: 1$000 —
FON FON
FON FON
FON FON

O peor inimigo...

PRONTO para gozar alegres momentos em agradavel companhia, surge o peor inimigo da alegria, — a dôr, em qualquer de suas formas: **enxaqueca, dôr de cabeça, nevralgia, dôr de dentes, dôr de ouvidos, reumatismo, resfriados,** etc.

Que fazer então? É muito simples: tomar uma dose de

Cafiaspirina

o remedio de confiança

que alivia as dôres com incrivel rapidez, sem prejudicar o organismo.

SE É BAYER
É BOM

O conto brasileiro

O FLAGRANTE

De CONCHITA CID

— Que pena, meu amôr, eu não poder ir comtigo...

— A ausencia não será longa. Quinze dias...

— Custam tanto a passar longe de ti...

— Passarão logo, verás.

— Promettes que me escreverás todos os dias?

— Prometto tudo o que quizeres.

Isis levantou-se do collo do marido, e foi verificar si faltava alguma coisa na maleta. Cleber ia a Barra-Mansa liquidar as propriedades que possuiam alli. Uma viagem de negocios.

Ouviu-se um buzinar de automovel, e logo, um criado, batendo discretamente á porta do quarto, avisou que o carro estava á espera.

Cleber mandou-o levar a maleta, tomou o chapeo e o sobretudo, beijou repetidas vezes a mulher e afastou-se.

Já no seu automovel, olhou para as janellas do dormitorio como num adeus. Isis lá estava, brilhante de graça, meio encoberta pelo *store* de *filet*, acenando-lhe com um lencinho côr de carne...

* * *

Querido — Corre. Estou á tua espera, numa impaciencia louca. "Elle" custou tanto a partir... Custou tanto a deixar-nos sós, deliciosamente sós... Tive medo que elle resolvesse voltar da estação... que elle desistisse de partir...

Marcilio, corre, corre, vem matar as saudades da tua — *Isis*."

Este bilhete foi entregue a Marcilio, uma hora depois da partida de Cleber. Elle se apressou a cahir nos braços da amante. Os momentos inesqueciveis que passaram juntos... Basta lêr o pequenino diario de Isis:

"Setembro, 20.—Cleber já parrtiu. Estou livre ! Livre ! Livre !

Setembro, 25—Marcilio é estupendo ! Maravilhoso ! Amo-o.

Setembro, 29 — Nove dias ! Já se passaram nove dias ! Ah ! E o amor não ser ainda bastante forte para fazer parar o tempo !

Setembro, 30 — Marcilio passou a noite toda commigo. E' tão terno, tão carinhoso...

Outubro, 6 — Elle me disse hontem: "Quero beijar-te toda, toda, até sentir sob os meus labios o teu ultimo suspiro e a tua ultima contracção..." Recordando essa phrase, sinto correr pelo meu corpo insatisfeito, arrepios de prazer...

Outubro, 10 — Que farra ! Champagne, frios, doces... Muitas flores espalhadas no salão... Um festim romano...

Outubro, 11 — Marcilio pediu-me para fazer um pouco de musica. Elle disse versos. Tivemos uma noite socegada, espiritual...

Outubro, 12 — Não nos vimos hoje. Que saudade !

Outubro, 14 — Minha sogra lembrou-se de fazer-me uma visita. "Tive pena, disse ella, da solidão em que te deixou meu filho"..." Que massada ! Outro dia vazio...

Outubro, 15 — Marcilio é inimitavel ! Exigiu que eu fizesse uma pose de Éva para elle ! Trouxe alguns postaes de nú artistico para modelo. Bateu algumas chapas.

Outubro, 16 — E' o fim. Amanhã, talvez, o senhor meu marido estará aqui. Nunca me olvidarei desta nova lua de mel que Marcilio me proporcionou..."

* * *

— Meu maridinho ! Que surpreza !

— E que saudades da minha Isis !...

Trocam beijos demorados. Emquanto isso, um drama se desenrola no intimo de Isis. Deixára Marcilio na sala de jantar, escolhendo um novo disco para pôr na vitrola, e sahira para dar algumas ordens aos criados quando, chegando casualmente á varanda, déra com o marido saltando, apressado, de um carro de praça.

Corrêra a recebel-o.

Agora, que iria acontecer ? Com certeza que Marcilio não teria tempo de fugir... E Cleber quereria, naturalmente, mudar o terno poeirento e, para isso, seria preciso atravessar a sala de jantar...

A imagem de Marcilio passou pela mente exaltada de Isis. Que horror !...

Isso tudo, emquanto beijava, com apparente volupia, o recem-chegado, o maridinho do coração...

Dirigiram-se para o quarto. Isis, cambaleante. Cleber alegre, preparando-se para uma forte dóse de amor...

Subito, elle estacou. Modelo de perspicacia, elle estacou, para indagar da esposa:

— Mandaste concertar a victrola ??

Isis olhou em redor como uma sonambula. Um tango enchia o ambiente de profunda me-

(Continúa na pag. seguinte)

GENTE ANTIQUADA

A ultima vez em que Carlos vira Alice em uma festa semelhante á que o poeta Alan offerecia aquella noite, a pequena, que lhe despertára interesse e curiosidade em alto gráo, lhe disse qualquer coisa que não lhe agradou. Chamou-o de antiquado porque não bebia.

E naquella noite se haviam encontrado de novo naquelle studio repleto de gente, aggiomerada em sua maior parte no recanto em que um bar em miniatura distribuia activamente toda especie de bebidas entre os convidados, quasi todos bebados. Carlos, que não tocára um copo, conversava com Alice em um sofá.

— Você é extraordinario! — disse ella, emquanto saboreava um *cocktail*. — Vem a uma festa e se porta como se estivesse em um enterro.

— Perdôe-me — respondeu Carlos. — Embriagar-me-ei, si assim o deseja.

E, levantando-se, se dirigiu ao bar. O poeta monopolizava naquelle momento, recitando seus versos, que cantavam a morte, o desastre e o melancolico triumpho tumular. Tinha publico, pois o *gin* se havia esgottado e os convidados esperavam uma nova provisão que mandaram buscar na vizinhança. Por isso, Carlos voltou para junto de Alice sem ter bebido.

Uma criada mulata appareceu, então, com a nova remessa, conduzindo varias garrafas sob um braço e um balde de gelo na outra mão.

O poeta encheu seu copo e o ergueu no alto para brindar.

— Esta noite é de Natal — gritou — e, portanto, todos os bons meninos e meninas devem pendurar suas meias na chaminé.

Os presentes riram a gargalhadas. Uma joven esbelta, de labios muito pintados e cabellos oxygenados, deixou seu copo sobre o braço do sofá e seu conteúdo entornou no collete de um actor que alli se achava sentado. O actor não se preoccupou com a occorrencia, que, por outro lado, lhe havia passado inteiramente despercebido.

— Excellente idéa! —exclamou. — Penduraremos as meias.

A idéa foi acolhida com enthusiasmo, e as finas e transparentes meias de sêda foram suspensas com o auxilio de livros, bibelots e floreiros.

Separados dos outros em seu sofá, Carlos e sua companheira observavam a movimentada scena sem tomar parte nella. Os convidados faziam frequentes visitas ao bar, dançavam ao som do *jazz* que o radio transmittia e faziam chistes e bailados caprichosos e fantasticos. De repente, um annuncio cortou a louca musica do *jazz*.

— Ah, tambem isso?! — gritou uma pequena, com os olhos brilhantes e pouco segura sobre suas pernas.

Voltou a musica dos saxofones e recomeçou o baile.

A joven esbelta dos labios pintados, a amiga predilecta do poeta, se aproximou do sofá com elle.

— Alice — gritou. — Faze como as outras. Tira as meias! Esta noite é de Natal!

Carlos se poz de pé.

— Alice — exclamou, — isto é, a senhorita Bradley prefere não fazel-o.

— Não sejas tão formal, Carlos — disse a garota esbelta.

— Carlos é muito antiquado — explicou o poeta, com voz pastosa. — E' architecto e desenha depositos e galpões. Não é verdade, Carlos?

Rindo a gargalhadas, de seu chiste, se afastou com sua amiga.

Quando ficaram sós, Carlos se voltou para Alice, que tinha o cenho franzido, e perguntou-lhe:

— Outro calice?

Ella olhou-o em silencio durante um momento.

O FLAGRANTE

(Continuação)

lancolica. Na verdade, quando Cleber partira, a victrola ficára quebrada. Marcilio, porém, dono de afamada e importante casa de victrolas, mandára concertal-a. A victrola era um pouco do seu passado. Era a cumplice excellente e alegre das suas farras...

Respondeu tremendo

— Ainda não está prompta. Mandei chamar um representante da casa... para examinal-a.

A mentira brotára-lhe, luminosa e serena, dos labios contrahidos.

PERDIDO NO DESERTO — O homem que tem sêde... E dizer-se que, ainda ha dias, esqueci a torneira aberta em casa !...

De John B. Kennedy

— Quem lhe disse que eu preferia não tirar as meias? — perguntou, afinal.

— Eu estava certo disso — respondeu Carlos. — Esta festa não tem o menor interesse. Sou um tôlo em estar aqui, em vez de passar o Natal em minha casa, em Peterloro.

— E por que não o faz?

— E por que não vae você a Faunton? — perguntou, por sua vez, Carlos. — Não é alli que reside sua familia?

— Sim, mas meu trabalho está aqui.

— E onde pensa você passar o dia de Natal?

— Parte delle no escriptorio — respondeu Alice. — E tenho uma scena idiota no club, á noite.

— Que club?

— O de mulheres publicistas.

— Por que não janta commigo?

— Poderia ser perigoso.

Ferido pelo tom ironico da phrase de Alice, Carlos se levantou e, dirigindo-se ao bar, de lá voltou com dois copos.

— Bebamos á sua saúde — exclamou, offerecendo um a Alice.

Esta o recusou, e Carlos collocou, então, os copos não tocados no chão. Um caricaturista excessivamente alegre virou-os de um pontapé, dançando uma gargalhada ao fazêl-o.

— Por que não fui para casa? — repetiu Carlos, amolado. — E' uma casa vulgar e mal disposta, mas deve parecer muito bonita esta noite, sobretudo se estiver nevando em Peterloro.

— Peterloro fica apenas a trinta milhas de Faunton — disse ella, pensativa.

— E eu seria capaz de fazêl-as a pé neste momento.

Ella sorriu comprehensivamente. Foram violentamente interrompidos nesse momento. Um grupo de rapazes, arrancando Carlos de seu assento, o conduziu á viva força para junto do poeta que recitava versos com voz tremula e commovida, e que lhe offereceu um copo. Carlos acceitou-o. E quando voltou ao sofá, a moça havia desapparecido, e elle não poude encontrál-a em parte alguma.

Tomando seu abrigo e seu chapéo, retirou-se, e em um taxi se dirigiu rapidamente para a estação. Tinha o tempo exacto para tomar o trem das doze e quarenta e cinco para Peterloro.

— Não ha mais leitos — disse o empregado do guichet de passagens.

Furioso ante a idéa de passar a noite sentado em um vagão, Carlos se encaminhou para entrada da plataforma maldizendo-se em vez baixa. Alli se deteve bruscamente ao ver Alice.

— Oh! — exclamou. — Então você tambem vae?

Ella mostrou-lhe sua passagem com ar triumphante.

— Gastei até meu ultimo tostão neste camarote — disse Alice. — Mas estarei em casa no dia de Natal.

— E eu tambem — falou Carlos. — Eu lho comprarei — ajuntou, tomando a passagem das mãos de Alice — e ambos nos serviremos delle.

— Não podemos fazer tal coisa — disse ella.

— Por que não? — perguntou elle, emquanto o empregado encarregado do contrôle os observava com ar de censura.

— E' claro que não podemos viajar juntos — insistiu a joven. — Não somos casados.

— Pois nos casaremos — disse Carlos.

E assim passaram toda a noite sentados e se casaram no dia seguinte.

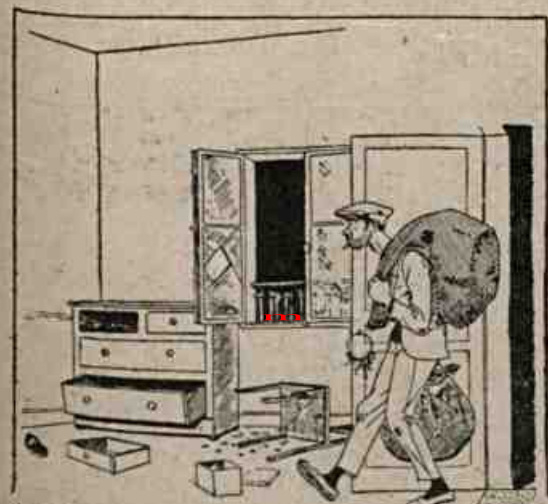
Seu marido era mesmo um modelo de perspicacia! "Como todos os maridos, aliás," pensou ella, num sorriso interior.

Nesse momento, elles penetravam na sala de jantar.

Marcillio, que nada percebêra, mudava, innocentemente, a agulha da victrola.

Isis, calma e graciosa, fez as apresentações:

— Snr. Marcillio de Castro, representante da casa X...

— Meu marido...

A VOLTA DO LADRÃO — Santo Deus! Fui roubado...

YEDA LUCIA (Capital) — Como v. ex. me pede um conselho, e este deve ser dado de modo reservado, declaro que não é caso para esta secção. Dê-me o seu telephone, si, de facto, a minha palavra a interessa... E' tudo quanto posso fazer.

M. TAYER (Capital) — Achei a sua cartinha encantadora. Conceituosa e bem plasmada, ella nos leva a duvidar dos seus quinze janeiros inexperientes. Em todo caso, póde-se ter um cerebro equilibrado e bem forte, num corpo joven e pouco resistente.

Nada mais vejo na sua missiva que mereça um commentario qualquer. E' uma carta que não interessa a esta pagina e tanto podia ser dirigida a Yves como a A ou a B.

V. ex. visou um nome e não uma pessôa.

O tratamento de v. ex. é uma praxe desta redacção. Não é uma deferencia particular. Logo, não me é possivel quebral-a, para tratal-a por *tu*. *Tu* é um tratamento intimo, ás vezes carinhoso, e eu nem sequer tenho a honra de conhecêl-a pessoalmente.

Quanto aos elogios que faz ao meu poema "O Suave enlevo", eu lh'os agradeço de coração.

E quanto ao mais, aqui fico a seu inteiro dispôr.

NADYR (Capital) — Sou-lhe extremamente agradecido pela gentileza do seu bello presente. Tive que acceitál-o, está claro. Que poderia fazer?

Apenas, estou um pouco admirado de que, em tal época e com essa crise, ainda haja quem nos offereça mimos, como o seu.

Não entendi os termos de sua cartinha côr de peronica.

V. ex. escreve:

"Snr. Ives. Perdôe-me. Não posso mais deixar de vos escrever umas linhas cumprimentando-o.

Ha muitos dias, que tenho estado nas trevas, mas hontem por um acaso parece que "São Pedro" esqueceu-se da porta do céu aberta, e por entre a corrida vertiginosa das nuvens, e um momento de distracção das sentinellas", me pareceu ouvir a voz do meu Deus e senhor, não conheci bem mas acho que era porque as lagrimas saltaram dos meus olhos e a garganta me apertou.

Snr. Ives, queira me desculpar não enviar os nomes dos Snrs. escriptores, porque se eu for perguntar ou pedir as meninas para escrever, ellas me mandam "fuzilar" e eu muitos não sei escrever. — "Nadyr".

Como vê, está um tanto apocalyptica a sua mensagem.

Quem será aquelle seu "Deus e senhor"? Será o Creador? Ou o deus do seu coração, — deus com *d* minusculo e não maiusculo.

Diga-me: V. ex. me escreve com o nome de Nadyr. Entretanto a letra é de uma certa Marina que já me telephonou duas vezes. Como se explica essa complicação?

Acaso v. ex. se disfarça? Mas, então porque não dissimulou a letra? E porque me procura, sob o pseudonymo de Marina? E' esquisito. Ou antes, seria esquisito, si não se tratasse de mulher...

Emfim...

FELIPE AUGUSTO (Capital) — O sr. me chama de mestre, logo de começo. Illustre mestre!

Vejamos a sua carta:

"Illustre mestre! Eis, mestre, mais uma carta minha. Esta tem um duplo fim: agradecer-lhe a bondade no julgamento do primeiro soneto que lhe enviei, e pedir-lhe que leia o segundo, colocado neste mesmo envelope.

Esperando, pela "Saibam Todas" de Fon-Fon algumas palavras suas, aqui fico, agarrado ao "Suave enlevo" que ainda não conhecia e que... Mas, não adiantemos.

Uma de suas conquistas literarias. — *Felipe Augusto.*"

Ahi está! O sr. me considera seu mestre e diz que está agarrado ao "O Suave enlevo"...

Não vá o sr. fazer como aquelle cidadão que declarou haver lido o poema "A Divina Amargura", de Paulo Gustavo, quando esse bello poeta ainda o não havia escripto.

Em que época leu o sr. o meu poema? De que côr elle é? Quanto custa e onde foi que o comprou? Como se chama o seu autor?

Seu que o sr. quer me ser agradavel, afim de que eu acredite em que sou mestre (*de que?*) de alguma coisa, e que o sr. é bom poeta.

Não creio nem em uma patóta, nem em outra.

E quanto ao seu soneto "A Eternidade", eu lhe asseguro que elle não viverá nem um segundo della — que lhe désse gloria e alegria.

O sr. interroga Vesper sobre o destino que ella terá nos espaços. E conclúe que ella morrerá, como tudo...

Estou a ver a bella estrella da tarde, falar-lhe pelo radio, com certo mau humor: "Mas, poeta, que é que tem você com a minha vida? Acaso não lhe bastam as preoccupações que tem sobre a

terra? E' melhor vêr em que pé anda a crise, por ahi. Trate de baterse pela pacificação dos espiritos, na sua bella patria. E deixe de fantasias balofas, de pretender tornarse poeta... mediocre..."

Vesper é uma estrella zombeteira. A's vezes, chega a fazer rir, ao contrario do que acontece com as suas homonymas da tela, que só nos fazem chorar...

O seu soneto dá a impressão de um soneto, é bem verdade, e não ha de parecer com um bonde. Mas, lembra um soneto desarrumado, que o sr. fosse buscar no porão do seu cerebro, para exhibil-o aos olhos dos leitores do "Saibam todos"... como uma raridade, no genero "bric-á-brac".

Eil-o sem a alteração de uma virgula:

A ETERNIDADE

Vesper, que, no cair da tarde
[estás velando,
—Jóia viva no céo translucido,
[lilaz—
Sobre nós, sobre a nossa iniqui-
[dade, até quando,
Vesper, até que dia ou milenio,
[arderás?

O primeiro Homem fica, atento,
[te mirando.
E os ultimos, sentindo o ermo em
[redór, e atraz,
Sem amar ou sonhar, imprecando,
[vagando,
Procurarão ainda o teu brilho
[fugaz.

Vesper! no cataclisma e no hor-
[ror formidando
Do fim, a terra, nua, em lamen-
[tósa paz,
A um crepusculo lento e gélido
[baixando;

Verás a natureza extinguir-se!
[verás
O amor no ultimo ser humano se
[apagando!
O amor que é vida! não. Vesper,
[tu morrerás!

DE AZEVEDO ROLIM (E. do Rio) — Olá, sr. Rolim! O sr. é estupendo. Escreve nos seus retalhos de papel:

"Snr. Yves: — Permitta-me que eu lhe venha tomar um pouco do seu precioso tempo, para o seguinte: — Embora não possuindo nenhuma cultura intellectual, sou um fervoroso apreciador do verso. De tal forma aprecio este genero de literatura, que me aventurei á difficillima arte de versejar; desta aventura resultou alguns sonetos dentre os quaes, "Poeta" e "Postal Triste", que aqui passo ás suas mãos. Não tenho, no emtanto, por desconhecimento da literatura, a certeza de que estejam elles correctos e merecedores da publicidade, dahi, a minha resolução de submettel-os á sabia apreciação de V. S., esperando merecer a sua sincera e sempre franca opinião, a qual será para mim, a ultima e decidida prova.

Não tendo pretenção a ser poeta, ficarei, todavia, muito satisfeito se os meus sonetos forem dignos de publicidade nas paginas de sua incomparavel revista; conformando-me tambem e desistindo da idéa de versejar, se elles não merecerem a sua aprovação.

Aguardando pois, sua valiosa sentença, aqui fica um grande admirador de V. S. — *De Azevedo Rolim.*

Chave de Santa Maria, 23-6-932.
E. T.

Não junto o coupon de que trata a pagina 9, de Fon-Fon de 18 do corrente, conforme preceituam aquelles dizeres, porque no verso daquella pagina, se encontram uns bellissimos versos."

Ora, o sr. declara que se aventurou a fazer literatura, mas que desconhece esta e não é poeta.

Tambem não tem pretensões a ser um eleito das musas. E termina dizendo que não envia o coupon porque, atraz delle, existem uns bellissimo versos.

Afinal de contas, em materia de literatura o sr. é letra morta.

Nem sequer possue o coupon da revista para demonstrar que lê o *Fon-Fon* etc. e tal.

Nesse caso, o sr. póde passar sem o resto, que, sejamos sinceros, nada vale: — ser poeta.

Não é mais pratico?

Yves

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

• • •

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2-4136

FON-FON — 6-8-932

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

O DRAMA SENTIMENTAL DO TOCADOR

SI, em toda parte em que se trata de regionalismo, vem á baila o classico drama sentimental do tocador — violeiro ou não —, por que tambem não falarei aqui de um, embora um pouco divergente dos outros já descriptos? Pois, realmente, nas terras do Padre Cicero, eu presenciei um romance passional que teve desfecho interessante, e vou relatar com sinceridade esse acontecimento quasi commum na pacata vida dos habitantes do sertão.

Vicente de Binda era o sanfonista mais notavel daquella ribeira do Joazeiro. A sua fama se extendia mesmo ás vizinhas cidades do Crato e da Barbalha, para onde muitas vezes foi chamado nos sabbados de animação em que, pelos sitios, eram festivamente celebrados casamentos de moradores e morenas enfeitiçantes. Era um rapagão intelligente e amante de sua "arte" que, para exercêl-a e executál-a com perfeição, por signal aprendêra a "sciencia" e já tocava trompa na musica do maestro Zé Pereira. O caso a que me refiro pouco influiu na sua vida particular, e o Vicente ficou sendo sempre, para qualquer effeito, o mesmo Cente de Binda, nome que, abreviado pelo povo, queria traduzir Vicente Alves, filho de d. Bemvinda, viuva do fogueteiro mestre Alves.

Apesar de contar já os seus vinte e tantos annos, Vicente de Binda, um dia se apaixonou por uma moçoila das Malvas, a Mariinha de Duda, que logo correspondeu aos affectos do rapaz. Formou-se, em seguida, o poema amoroso e, quasi todas as noites, uma serenata rondava a casa da mulata, organizada pelo tocador e alguns dos seus companheiros. Repetiam musicas romanticas, valsas lentas e já fóra de moda e, por vezes, a voz do Jeronymo Beija Flôr soltava aos ventos uma canção estropiada do ultimo carnaval, ou mesmo uma embolada a cujo estribilho respondiam os amigos. A madrugada encontrava-os ainda bebendo um trago da "pinga" entre duas tocatas e só pouco antes de amanhecer se recolhiam, somnolentos, ás habitações, quebrando o silencio com assobios desafinados, já "mordidos" pela aguardente ingerida durante a noite inteira.

Vicente sentia-se encantado por haver conseguido a affeição da Mariinha. Pois não era ella a cabocla mais bonita das Malvas? Por causa della, não abandonára o Pedro Homem, que tinha uma bodega sortida e podia trazêl-a com mimos e luxo? E o tocador pensava na felicidade que o destino lhe déra e muitas noites passou sonhando com a namorada.

Inspirado pelo amor que lhe abrazava o peito, Vicente imaginou fazer uma surpreza a quantos o conheciam e sabiam de sua paixão.

Trabalhou varios dias com afinco, procurando todos os recursos da imaginação e, depois de um longo mez, apresentou uma valsa que compuzêra.

Ah! Quanto lhe custaram as trez partes da musica que, com sentimento, fazia a sua harmonica gemer, ao tocál-a a primeira vez para os amigos!

Durante o tempo do trabalho todos os dias modificava um trecho. Procurava as melhores e mais emocionantes passagens que a inspiração podia favorecer-lhe: a ansia da perfeição era o seu sonho dourado, o ideal que o incitava a proseguir quando empunhava o rude instrumento, ensaiando a sua criação.

Afinal, terminou. A valsa tinha o nome da amada: *Mariinha*. O tocador annunciou estreál-a no proximo sabbado, na festa do casamento a realizar-se no sitio do Cel. Pedro Rocha, pois sabia que a Mariinha ahi estaria, por ser a noiva, a Zefa de Souza, afilhada de sua mãe. Então, Vicente, como chefe da orchestra, poderia têl-a sempre á vista, ambos na mesma latada, a moça ouvindo a musica emotiva que o caboclo tirava da harmonica e elle dizendo-lhe com os olhos que aquellas notas gemiam por ella, fôra ella a musa daquella valsa sentida que falava o coração.

O sabbado do casamento chegou. Vicente de Binda, ao cahir da tarde, cêdinho ainda, lá estava no seu posto, no terreiro onde dançariam os amigos dos noivos. Mariinha de Duda pouco tempo

— Si eu fôsse rica, Gustavo, amar-me-ias da mesma fórma?
— A unica coisa que te posso dizer, é que nos casamos hoje mesmo!

De Fran. Martins

depois appareceu; foram entrando novos convidados e, mais tarde, o samba começou com animação, sob o enthusiasmo dos rapazes que tomavam aguardente e a faceirice das mulatas a ouvir, sorrindo, ao arrastado dos baiões e maxixes sertanejos, declarações de amor que os seus pares galantemente lhes murmuravam ao ouvido.

Vicente tocava emocionado, fitando nos olhos á cabocla recostada em uma das estacas que sustinham o alpendre. E como lhe parecia mais bonita naquella noite a Mariinha de Duda!

A moça vestia o seu melhor vestido. As faces morenas eram avermelhadas pelo papel encarnado, substituto no sertão do "baton-rouge". Mas os labios de pitanga conservavam o seu frescor, pois não haviam sido maculados por nenhuma tinta e os cabellos castanhos, ondulados, cheirando a oleo fino, desciam até a nuca, emmoldurando o rosto franzino e arredondado onde dois olhos negros brilhavam com alegria, provocadoramente dirigidos para o sanfonista, que nelles bebia a inspiração, tornando as suas valsas mais maviosas e os baiões requebrados e entontecedores.

Mariinha não dançára ainda e era nisto que o Vicente de Binda sentia mais orgulho. Parecia-lhe ser a ultima prova que a mulata podia demonstrar do seu amôr, não dançando, porque elle não dançava. De quando em quando, ao fitál-a, o sangue subiá-lhe ás faces e, naquella confusão, pela primeira vez o rapaz estava verdadeiramente embriagado com os encantos do seu amôr.

A festa ia animada. Seriam onze horas quando o Raymundinho, um moço estudante na capital, sobrinho do Cel. Pedro Rocha, tomou a palavra e, em meia hora de discurso, saudou os noivos. Depois, para solennizar mais o momento, pediu a todos dançassem uma quadrilha em louvor dos nubentes.

A muito instar, Mariinha decidiu tomar parte na dança. O proprio Cel., que ia marcar a quadrilha, veiu tirál-a para o seu sobrinho.

Raymundinho, imbuido da sua superioridade de "rapaz da Praça", tentou logo conquistar a mocinha ingénua, recitando quadrinhas amorosas e fazendo-lhe mil perguntas perturbadoras. Em breve, entre os dois se travou uma palestra desigual, e o estudante, com promessas vãs, palavras ternas ou phrases arrebatadas, ia infiltrando o veneno da seducção no innocente coração da sertaneja.

A quadrilha terminou e o Raymundinho persistiu na sua aventura. Sabendo da paixão do tocador, o estudante apresentava defeitos do outro, mostrando que o Vicente era indigno da Mariinha, exaltando a belleza da moça, procurando fazel-a orgulhosa. A cabocla, não acostumada a ouvir tanta promessa e tão lindas palavras, arrebatada pela idéa de ser amada por um moço da capital, aos poucos foi cedendo: começou a dançar seguidamente com o rapaz e, mais tarde, não se lembrava ou procurava esquecer o pobre do tocador.

Ao ver desfeita a sua illusão, no momento mesmo em que o seu amor subia ao auge, Vicente de Binda sentiu um abatimento profundo.

Na ansia de reconquistar o ideal que fugia levado pelas palavras feiticeiras do estudante, reconhecendo o poder de que o moço letrado poderia dispôr com suas phrases bonitas, o sertanejo recorreu a um estratagema. E assim, apenas o rapaz da capital se afastou por um momento do terreiro, o tocador, sem dizer palavra, pondo toda a pericia de sua arte á prova, começou a preludiar a valsa que compuzéra em honra da amada, procurando vencêl-a pelo enternecimento, pela emoção, pelas palavras poeticas dos sons, que falavam ao coração, embriagando de amor a alma.

Os pares principiaram a rodopiar, embalados na suavidade da musica. Estavam quasi no fim da primeira parte, quando o tocador parou bruscamente, levantando-se, pondo a harmonica debaixo do braço. Todos ficaram sobresaltados com a attitude do rapaz, cujos olhos deitavam chispas.

— Não, isso não! — gritou o Vicente, pállido de raiva, o suor a cahir-lhe ás bagas pela fronte. — Eu não vou passar noites e noites trabalhando, a compôr uma valsa em honra da mulher a quem amava, para depois vêl-a dançar, com outro, rindo e conversando, desprezando a minha paixão e esquecendo o meu amôr!

E, abrindo passagem no meio da multidão abysmada, o tocador desappareceu no branco areial que conduz ao Joazeiro, deixando os pares numa estupefacção geral.

Dahi por deante, nunca mais o Vicente de Binda quiz saber da Mariinha de Duda, nem procurou namoradas em festas de casamento. Si fosse outro, teria tentado matar o Raymundinho; elle, não. Preferiu mostrar a altivez do seu caracter, deixando para sempre a vida de sanfonista. Mas o Jeronymo Beija Flôr costumava dizer que um dia surprehendeu o infeliz mulato tocando a sua valsa, debulhado em lagrimas, como si entoasse a marcha funebre por alma do ente a quem mais queria na vida, ou mesmo chorasse a perda da felicidade que esteve por algum tempo ao alcance de suas mãos; mas depois fugiu, rodopiando ao som da musica lenta que, por ella, custára ao apaixonado innumeras noites de somno e de illusão...

(Inedito do livro "Manipueira" — contos e novelas do Joazeiro do Padre Cicero).

— Sabes? Precisamos ir vêr esta peça... Disseram-me que é de se morrer de riso!

— Eu não poderei ir: hoje, no instituto de belleza, prohibiram-me de rir antes de tres dias...

A MORTE CIVIL DE KIPLING — Não faz muito, ao abrir Rudyard Kipling certa manhã, um dos jornaes de que era assignante, teve a desagradavel surpreza de ler a noticia de sua morte.

O grande escriptor, em vez de indignar-se por seu inopportuno fallecimento, enviou ao director do diario em questão, as seguintes linhas:

"Acabo de ver que o seu periodico annuncia minha morte. Como o senhor costuma sempre estar muito bem informado, concluo que a noticia deve ser verdadeira. E é por isto que lhe rogo tenha a amabilidade de suspender minha assignatura que de agora em deante já não tem razão de ser."

O ANTICHRISTO NA RUSSIA. — Na provincia de Valigala, dois sacerdotes nomades, Dimitri e Sergio, provocaram uma extraordinaria agitação, convencendo os habitantes da citada provincia de que estava proximo o fim do mundo. Como é de imaginar-se, ante semelhante noticia os camponios de cem milhas ao redor não quizeram dormir. Abandonando suas choças e cabanas, homens, mulheres e creanças se apinharam nas praças e ruas, abraçando-se como verdadeiros fanaticos, em redor de Dimitri e Sergio que, entre uma prece e outra, recorriam á massa pedindo esmolas. Os sacerdotes asseguraram que o fim do mundo se verificaria entre 4 e 5 horas da manhã.

Effectivamente, ás cinco em ponto começaram a produzir-se ligeiros ruidos, que foram augmentando de intensidade. Pareciam ruidos subterraneos, annunciando a imminencia de um terremoto. Aproximava-se o fim do mundo: gritos de desesperos, prantos de angustia, clamor de horror. Minutos depois, pela curva de um caminho apparecia uma patrulha de cincoenta gendarmes vermelhos que vinha em busca dos falsos sacerdotes, os quaes por um triz não perderam a cabeça. E o... Antichristo os deportou para Siberia.

— Uma serpente que, num accesso de neurasthenia, se enforcou...

Seara alheia

Hamlet

A Sombra chama Hamlet á solidão. Quer falar-lhe no silencio. Porque só no silencio suas palavras soarão: nada de amigos; nem de ouvidos humanos a escutarem; nem corações a ampararem; nem braços que se abram; nem mãos que se aproximem para enxugar lagrimas. De espirito a espirito, na solitude, é que se escuta a voz do Alem, a que não engana porque já não é vida.

E o principe Hamlet acompanha a Sombra. "Escuta! Escuta, oh! escuta!" clama a voz, a voz fatidica, a que traz som de inferno e pede vingança. Resôam as palavras: no ar limpido: a morte está dizendo seu segredo a Hamlet, que a escuta e desfallece, porque esse segredo é todo o mal que a sua dor imaginou. "Oh! minha alma prophetica!"

Sim: a alma é prophetica e é cruel. Ama-nos, alma? Amas, alma, o homem dentro de que habitos?

"Companheira antiga e tão amada", — disse o mystico.

E' verdade, alma, que nos enamorámos de ti. Mas..., retribuirás este amor?

Conhecedora de enigmas, enigma, mesmo, tu propria, mulher immorredoira, porque te deleitas em fazer-nos soffrer? Porque te calas quando presentes a felicidade? E porque sempre falas quando presentes o mal que ha de vir?

Não nos digas o mal: acalenta-nos alma, fazendo-nos adormecer. Sê nossa mãe não queiras ser nosso tormento. — G. Martinez Sierra.

Diario intimo

Vida — A vida é o mais formoso dos poemas. Um poema que se lê emquanto se compõe — poema em que se ligam e mutuamente ajudam o nome e a consciencia. A vida, como sabemos, é um microscomo e representa deante de Deus a repetição em miniatura do poema universal e divino.

Sim: sê homem — o que quer dizer — sê natureza, sê espirito, sê imagem de Deus, sê o que ha de maior, mais bello e mais alto em todas as espheras do ser. Sê uma idéa e vontade infinita e sê uma reproducção do grande todo. E sê tudo isto não sendo nada, supprimindo-te, deixando Deus penetrar em ti como ar no espaço immenso, reduzindo teu egoismo ao continente da essencia divina. Sê humilde, concentrado e silencioso para ouvir no fundo de ti mesmo a voz subtil e profunda: sê espiritual e limpo para entrar em communhão com o espirito puro. Recolhe-te a meúdo no santuario de tua consciencia intima e torna a tua forma de atomo para libertar-te do espaço, do tempo, da materia, das tentações e da dispersão. Para escapares de teus proprios orgãos e de tua propria vida — o que quer dizer: morre de vez em vez e interroga-te deante desta morte, como preparação para a ultima morte. — Henrique Frederico Amiel.

SONHOS DE ARTISTA

QUANDO penso em meu amigo Anselmo, tenho a impressão de vêl-o como outr'ora o via: sentado em sua poltrona, deante da mesa estylo Luiz XIII, e rodeado das preciosas ferramentas proprias de sua arte.

Anselmo era um homem de crenças absurdas e até supersticiosas. Mostrava-se indifferente a todo conforto, e era inimigo do conceito contemporaneo da vida. Dir-se-ia que sua existencia transcorria fóra de nossa época e de nosso mundo. Parecia um companheiro de Alberto Durer e não um homem actual, que deve utilizar, para seu transporte, ómnibus e bondes.

Sua obra testemunhava as mesmas disposições de espirito. Suas *Recordações da casa dos mortos* constituem uma maravilha que as gerações futuras admirarão com religiosa surpresa.

Em quasi todas as obras de meu amigo apparece a mesma mulher: uma criatura alta, melancolica, de ligeiro typo mongolico nas feições, de bocca magnifica e de maravilhoso olhar infantil, cheio de claridade, de ingenuidade, de pureza.

Um dia, interroguei Anselmo a proposito dessa figura. Perguntei-lhe si elle a havia conhecido em sua mocidade; si a havia amado. E Anselmo respondeu-me, com aquella sua voz titubeante:

— Não, não! Nunca!... Mas, não sei por que, essa mulher me assedia, me persegue. Ou melhor: sonho constantemente com ella. A's vezes, o sonho se prolonga durante horas e horas, como um pesadelo que accelera as pulsações de meu coração e entorpece minha respiração. Outras vezes, é um sonho vago, ligeiro, suave como uma caricia. A principio, suppuz que se tratasse de alguem a quem conheci em minha infancia. Mas em vão revolvi minhas recordações mais remotas, no mais fundo de minha memoria. Foi-me impossivel descobrir alguma coisa que tivesse a menor relação com essa creatura mysteriosa. Si houvesse nascido na capital, poderia crer que vi essa mulher na rua e que sua imagem ficou gravada em minha alma sem a intervenção da consciencia. Mas eu nasci na calma de um logar cujos habitantes me foram familiares durante vinte annos. Si uma mulher extraordinaria houvesse passado a meu lado, eu a recordaria com precisão... Não se trata, pois, de uma recordação. Essa mulher é, antes, uma esperança...

Vermelhos, verdes, brancos, doirados, os raios de luz cahiam sobre a ampla mesa de trabalho, illuminando as pranchas de cobre dilaceradas pela mão firme e febril do artista. E á frente de Anselmo havia, tambem, reflexos de cobre: o esforço da inspiração torturava aquella fronte como as mãos torturavam o metal. Na nova obra preparada por Anselmo apparecia a mesma silhueta feminina: uma mulher de busto nú, que se inclinava sobre a vertigem de uma ponte extendida em um abysmo de trevas.

— Esta agua forte se chamará *A Vida* — disse-me o artista. — Vejo com frequencia, em sonhos, minha amiga desconhecida, subindo por uma escada gigantesca perdida no azul dos céos ou que atravessa enormes pontes envoltas em sombras. Creio que comecei a sonhar com ella quando tinha sete annos. Ella me falava de suas angustias, de seus receios. Mais tarde, accendeu meus primeiros desejos de adolescente, e foi ella a primeira mulher a quem amei. Quantas vezes despertei julgando estreitál-a nos braços! Uma noite a via em um baile. Seu corpo se unia ao meu, estremecendo na impaciencia de um offerecimento. Minha mão, que lhe cingia o busto, tambem estremecia... Ao amanhecer, eu cahia, exhausto, e a visão se dissipava em um raio de aurora. E muitas, e muitas noites, a suppuz morta. Choro, então, como um menino. E desperto com o rosto banhado em lágrimas e um amargo sabôr na bôcca... E' por isso que você a vê em todas as minhas lithographias: é a mesma mulher estranha, dominadora, formosíssima...

Um dia de outomno em que fui visitál-o, não o encontrei, como de costume, sentado em sua poltrona, nem inclinado sobre a mesa de trabalho. Estava em pé, congestionado, sobreexcitado, e passeava como um louco, de um lado para o outro da grande sala. Ao ver-me, precipitou-se a meu encontro:

— Vi-a!

— Quem? — perguntei.

— Quem? Quem?... Ella! Ella! A mulher de meus sonhos! a mulher que desenhei e gravei mil vezes! Existe! E' uma creatura real! Não, não sonhei! Vi-a! Vi-a!

Tanta era a febrilidade com que meu amigo falava, que o suppuz victima de uma allucinação. Seu olhar duro, inquieto, justificava não menos que seus movimentos mechanicos minhas supposições. Longe de manifestál-as, requeri de Anselmo outros detalhes:

— Quando a viu? Onde a viu? Quem é?

— Hontem, ao cahir da tarde. Eu passeava, como de costume, á

beira do Rio. Chegava aos jardins, quando uma mulher passou a meu lado, adeantando-se de mim. Era tão parecida com a mulher de meus sonhos, que senti, ao vêl-a, uma pontada no coração. Apressei o passo, alcancei-a, olhei-a de frente. E então julguei que desmaiaria de emoção e de surpresa. Era ella. A mulher que me inspirava o mesmo terror de meus primeiros sonhos. Tive medo, como quando menino. Pareceu-me que a paizagem circumdante se havia transformado em uma de minhas gravuras. A ponte do Sena era uma ponte extendida sobre as trevas que gravei com esta prancha de cobre...

Interrompi suas palavras para perguntar-lhe:

— Falou com ella?

— Sim.

— E que lhe disse você?

— Não sei o que lhe disse. Eu estava louco. Ou tinha a impressão de estar louco. Balbuciei-lhe que a conhecia desde minha infancia, que a havia esperado durante toda a minha vida... Não me lembro o que disse mais. Mas minhas palavras devem ter sido poucas. Eu preferia olhál-a, olhál-a nesses olhos que tantas noites illuminaram minhas noites de insomnia e minhas noites de pesadelos.

Interrompi-o de novo:

— E ella... que lhe disse?

— Marcou-me um encontro para esta noite, ás dez horas. Aqui está seu cartão... Comprehendi, então, que esse encontro tinha a seriedade das coisas reaes. E, do mesmo modo que era real, tinha visos de incrivel, de milagroso...

A mulher chamava-se Odila Todesg. Morava no numero 5 da Passagem do Porvir.

— Quatro horas... — murmurou Anselmo. — Faltam-me quatro horas para vêl-a. Quatro horas... E estarei a seu lado! Comprehende?... Ao lado da mulher que foi a inspiradora de minha arte e a torturadora de meus sonhos! Meu Deus! Meu Deus!... Tenho mêdo dessa entrevista. Muito mêdo!...

— Tranquillize-se, meu amigo — foi o que lhe pude dizer. — Vá ao encontro, mas domine seus nervos...

— Dominar meus nervos? Pensa que é possivel dominar os nervos deante desse facto que vem realizar a unica verdadeira aspiração de minha vida?...

Não. Não era possivel. E eu só devia guardar silencio. Foi o que fiz.

* * *

NA manhã seguinte, eu dormia ainda quando bateram á minha porta. Trouxeram á minha presença o velho criado de Anselmo. Contou-me que, na vespera, ás dez horas da noite, se ouviu um grito no *atelier* do artista. Um grito selvagem, estentóreo. O criado correu. E encontrou seu patrão com a cabeça ferida sobre a prancha de cobre. Sua fronte batera contra a mysteriosa figura gravada no metal. Anselmo estava morto. Como não tinha familia e era eu o seu unico amigo, o criado se apressava a trazer-me a noticia tragica e a pedir-me conselho.

Algumas semanas depois do enterro do gravador, eu quiz saber a identidade de Odila Todesg. Mas debalde consultei todos os planos da cidade. Em nenhum delles figurava a *Passagem do Porvir*.

Muito mais tarde soube, pelo criado, que, entre os objectos de Anselmo, figurava uma pequena prancha de aço em que o artista gravára aquelle nome e aquelle endereço. Era a prancha que havia utilizado para imprimir o cartão da formosa criatura. Odila Todesg só havia existido na imaginação de meu amigo.

EDMOND JALOUX

A DIVIDA

MAACHAU era um homem vel, mas teimoso, ainda honesto, generoso e ama- mais teimoso que um camêllo jovem. Seu entendimento era como uma pelle de cabra que houvesse sido estirada e seccada ao sol, e cuja fôrma e tamanho não pudessem ser alterados. Um homem assim, em vez de confessar seu erro, se transfórma em um individuo inquieto e amargo quando seus negócios deixam de prosperar.

E durante toda a ultima estação os negocios de Maachau não haviam prosperado. A colheita de grãos fôra pobre nas terras que elle havia arrendado aos camponezes, perto de Belém. Augusto César aggravara o mundo com um novo imposto e seus agentes haviam exigido, com mão de ferro, o pagamento integral. Apesar de ter sido prevenido, Maachau semeára grãos em campos mal preparados; apesar dos avisos, havia confiado em um servente que não passava de um ladrão, e, apesar das advertencias de seus visinhos, vinte de suas mais formosas ovelhas haviam morrido afogadas, em virtude do mal estado da parede do açude.

Agora, como um asno em cuja cabeça se bate para vencer sua teimosia, a desgraça perseguia Maachau. Sua unica filha estava enferma e elle e sua esposa soffriam fome. O coração de Maachau estava cheio de amargura e elle culpava de sua desgraça a todo o mundo menos a si mesmo, embora em verdade, o imposto de César não fosse tão ruinoso como o diziam que lhe havia sido imposto por seu inflexivel temperamento.

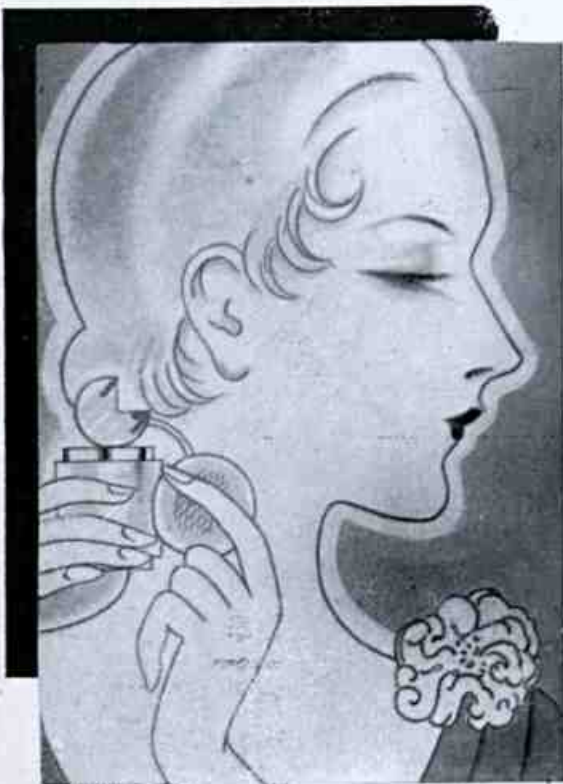
Todos os homens e as mulheres que habitavam a varias milhas na redondeza se haviam reunido em Belém para pagar o novo imposto. Enchiam a hospedaria, dormiam em camas improvisadas no chão das casas de seus parentes e amigos; suas tendas extendiam-se a longa distancia, na planicie onde os pastores apacentavam seus rebanhos, e, no proprio estábulo da pousada, um homem e uma mulher na vespera de ser mãe haviam sido alojados.

Belém dormia sob o céo tranquillo e puro aquella noite, quando Maachau, deixando sua casa, se dirigiu para a de Yvak, ao lado do estabulo da hospedaria. O ar estava frio e as estrellas pareciam crescer quando a gente as observava, como os olhos dos meninos que esperam maravilhas.

Maachau pensou em sua filha, que dormia com a fronte ardendo de febre; em sua casa despida. Pedira dinheiro emprestado a Yvak, e não só não podia pagal-o, mas ainda devia conseguir mais para que elle, sua filha e sua esposa pudessem viver.

Maachau sabia que Yvak era um homem de ferro, um soldado, temperado e duro como o aço, justo com a justiça do verdugo que tira vidas obedecendo á lei. Emquanto se dirigia a sua casa, Maachau imaginava ver Yvak sentado deante de sua mesa, com uma cadeira vazia do lado opposto, a lampada á sua esquerda e á sua direita a pequena figura de barro de uma virgem que sempre conservava sobre a mesa, ao alcance da mão. Murmurava-se, em Belém, que aquella pequena estatua era um idolo, ao qual Yvak offerecia como incenso os seus negocios desalmados e suas duras condições. Mas uma mulher que conseguira surprehendel-o a sós, dizia que era um brinquedo que pertencêra a uma criatura do commerciante.

Maachau viu amargamente ao pensar que Yvak poderia ter amado a alguém, porque uma grande pena faz, ás vezes, pensar num homem que ninguem no mundo, mais que elle, é capaz de sentir.

Maachau aproximava-se da casa de Yvak, quando ouviu o ruido caracteristico das rédeas de couro, e surdo resoar das patas de um camello na areia. Contra as estrellas se recortava a figura de um homem montado no animal, seguido com seu corpo o balançar do passo do camello.

De Raul Thibault

— Paz! — disse o desconhecido, saudando Maachau.

E este respondeu da mesma fórma:

— Paz!

Atraz do camello seguiam outros dois e a palavra paz pareceu ecoar estranhamente no ambiente. Talvez fosse porque a noite era tão clara e porque havia tão pouca paz no coração de Maachau.

Entrou na sala onde Yvak estava sentado deante da mesa. A' sua esquerda estava a lampada e perto de sua mão direita a estatua de argilla de uma mulher. Maachau conhecia bem aquella sala, onde freqüentemente discutira negócios com aquelle homem duro e inflexivel. Até então havia pago sempre suas dividas.

Sentando-se na cadeira deante de Yvak, expoz-lhe o fim de sua visita.

— Minha divida não póde ser paga — disse-lhe. — Empreste-me um pouco mais de dinheiro para a compra de novas ovelhas e o aluguel de outros campos, e eu a satisfarei.

Por nada do mundo Maachau confessaria que necessitava o dinheiro para comprar pão. Elle era um homem obstinado e orgulhoso.

Yvak apoiou fortemente as palmas de suas mãos sobre a mesa.

— Dei-te meu dinheiro, ganho duramente, e tu m'o pagarás da mesma fórma, ou então arranjaremos essa differença por um meio tambem muito duro. Não cumpriste tua promessa.

— Meus grãos produziram muito pouco — respondeu Maachau, encolhendo os hombros. — Um homem não póde mudar as estações.

Yvak inclinou-se para a frente.

— Vinte homens viram a fenda na parede do açude e te avisaram antes que tuas ovelhas se afogassem. Vinte homens preveniram-te que teu servente Juah era um ladrão. Vinte homens, que haviam cultivado o campo vizinho ao que arrendaste, avisaram-te com tempo que o campo não produziria bem. Agradece a tua teimosia o abysmo que cavaste sob teus pés. Quanto a mim, nunca perdôo uma divida.

— Dirigi meus negocios o melhor que era possivel — respondeu Maachau. — Faça o que lhe pareça.

Os dois homens, de pé, enfrentaram-se. Um homem incapaz de reconhecer seus erros e um homem inflexivel e sem piedade se olharam nos olhos, duramente, preparados para a luta.

E, naquelle momento, uma brisa que entrou pela porta aberta fez vacillar a chamma da lampada, e do estábulo da pousada vizinha chegou o pranto de um recemnascido.

Sem desviar os olhos dos de Maachau, Yvak extendeu sua poderosa mão direita, acostumada ao peso da espada, e apanhou docemente a figurinha de argila que o povo de Belém suppunha fosse um idolo pagão. Maachau, naquelle mesmo momento, soube que era a única recordação de uma pequena vida que Yvak havia amado e perdido. Aquelle pequeno gemido me opprimiu o coração de Maachau, lembrando-lhe sua própria filhinha enferma. E, com voz commovida e tremula, proferiu palavras que a própria crucificação não arrancaria de seus lábios.

— Minha teimosia foi meu castigo. Mas o peor é que outros — innocentes de toda culpa — soffrem fome por causa della. Tenho uma filhinha enferma...

— Eu não sabia que tinhas uma filhinha, Maachau — disse lentamente Yvak, tomando em sua mão a pequena figura de argilla.

As muralhas que cercavam sua alma desmoronaram.

— Podes contar com o emprestimo que me pediste — continuou — E si tua filhinha sorrir, como sorriu uma vez uma creatura, quando collocardes este brinquedo em suas mãos — accrescentou, collocando, com mão tremula, a estatueta na mão de Maachau — si ella sorrir, deixa-me ir a tua casa ver a menina.

— E a divida?

— Serei eu, então, o teu devedor...

A AVENTURA

SUBITAMENTE, tudo pareceu mudado: os álamos, os rosaes, as margaridas. Letty lembrava-se que o jardim havia experimentado uma transformação igual quando morreu seu pae. Mas a mudança de hoje era apenas a chegada de um novo mundo de felicidade que substituia o antigo. A mudança sobreviéra no momento exacto em que ella déra a Hugo sua resposta definitiva.

— Não lutemos mais — disséra-lhe. — Irei comtigo.

Uma nova expressão havia apparecido nas feições habitualmente fatigadas e tristes de Hugo, o qual, ao ouvil-a, parecêra renascer a uma nova vida de esperanças.

— Quanto a Alice... — começára a dizer Letty, após um instante de silencio.

Alice era a esposa de Hugo.

Este a interrompeu:

— Alice não se preoccupará com isso. Ella só se preoccupa comsigo mesma.

— Mas ella deve querer-te... E, além, disso, onde está seu orgulho?...

— Oh, seu orgulho!

Letty pensou em Alice tal como a vira em duas occasiões, neurótica, irritavel, passando seus dias em interminaveis peregrinações de um medico a outro, consultando enfermidades imaginárias. Quando se falava em Alice, Letty se mostrava sempre compadecida de Hugo.

Letty poz de lado a recordação de Alice

— Façamos planos — disse.

Por causa de Alice, cuja presença parecia influenciar sempre os planos dos namorados, estes haviam resolvido evitar o divorcio. A publicidade causaria um desgosto a Alice, que, em virtude de suas idéas religiosas, não casaria de novo. Letty e Hugo partiriam juntos — deixando o futuro de Alice garantido — para uma longinqua, onde começariam de novo sua vida.

— Partiremos immediatamente — concluiu Hugo. — O mais breve possivel, pois já não posso resistir mais. Dir-lho-ei esta noite. Voltarei depois para to dizer.

Emquanto aguardava seu regresso, Letty pensou em sua situação.

— Todo mundo dirá que eu roubei Hugo a sua esposa — monologou, perguntando si seria o facto de haver rompido assim as convenções sociaes o que lhe dava aquella deliciosa sensação de aventura.

Que teria dito Alice?...

Mas, quando Hugo voltou lhe communicou que ainda não havia levado sua decisão ao conhecimento da esposa.

— Ella se sentia tão mal — explicou, — que não tive a coragem de falar. Mas falarei sem tardança. Quando podemos ir?

Conversaram sobre sua proxima partida. A familia de Letty só seria informada por uma carta de despedida.

E, depois da inevitavel scena que Hugo teria com Alice, os namorados partiriam á noite, de automovel, para chegar, na manhã seguinte, a uma casinha que Hugo havia comprado em uma cidade do Marne, á beira-mar.

— Nossa suprema aventura! — exclamou Letty. — Tomaremos nossa vida em nossas proprias mãos, livre de qualquer empecilho e a despeito de todas as convenções sociaes!

E, no meio daquelle mundo de felicidade, Letty começou a fazer seus preparativos com o coração leve e o pensamento livre de tudo o que não fosse o seu amor.

— Tudo mudou — pensou ella. — E nada póde ser tão perfeito como nossa maravilhosa aventura.

A noite fixada para a partida estava serena e escura. Letty descêra suas valises, já promptas, para o jardim. Até tarde, ella se mostrára tranquilla, tocando ao piano, conversando com sua tia, jogando damas com ella, ajudando uma de suas primas a vestir-se para uma festa...

Que pensariam todos elles quando soubes-

O EU

O Eu,
essa luz interna que nos guia
e que alumia todas as emoções,
é nossa Alma,
é nosso Espirito
que nos levam para o Bem ou para o Mal.

Elle abrange o Todo,
esse vacuo e esse solido immensuraveis,
de accórdo com a sua evolução.

O que no Mundo existe Elle conhece,
por ser uma fracção do Ego Universal.

Reina unido aos problemas e ás coisas
para alimento de suas expansões;
e sua Vida
é Eterna
num rythmo de Alegria e de Dôr.

CORIXTO BARUORA

sem de sua fuga? Mas Letty não se podia preoccupar com suas opiniões e pareceres. Era aquella a suprema aventura de sua vida. Olhou suas tias com piedade. A vida, a aventura, o romance haviam morrido para ellas.

Uma hora antes da indicada para a partida, Letty ouviu tocar o telephone, e sua tia chamou-a dizendo-lhe que alguem queria falar-lhe.

Era Hugo. Letty mal poude comprehender suas confusas palavras.

— Houve um accidente... Ella está ferida... Sim, Alice... Seu automovel...

Quando os outros se haviam retirado, Letty levou de novo suas valises para seu aposento. O novo mundo havia desapparecido, deixando em seu logar o antigo. Lançou o olhar em torno, á velha realidade do seu dormitorio, ás cortinas, aos moveis — a tudo o que recebêra, momentos antes, o seu adeus. E, no emtanto, todas essas coisas tambem haviam mudado. Nunca tornariam a ser as mesmas. A vida era, sem duvida, composta de uma serie successiva de mundos estranhos, nenhum dos quaes era real.

Viu Hugo antes da partida deste para o Oeste, depois da morte de Alice.

— Alice nunca soube de nosso amor — disse-lhe elle. — Graças a Deus, eu ainda não havia tido a coragem de lho revelar. e ella não tinha a mais

De Zona Gale

leve suspeita. Não morreu instantaneamente... Eu cheguei antes e ella me reconheceu. Letty... imagina si o facto houvesse occorrido vinte e quatro horas mais tarde...

Depois, elle foi promettendo voltar para buscál-a. Letty comprehenderia — pensou — que naquelle momento não se podia mostrar mais expansivo.

Com effeito. Embora suas relações com a morta não houvessem sido, nos ultimos tempos, de excessiva cordialidade, nem por isso ella deixava de ter sido sua esposa. E a recordação do passado, por mais que a gente se esforce para esquecêl-a, permanece sempre no mais intimo da personalidade de cada um, prompta para manifestar-se logo que se apresente a menor opportunidade propicia.

Em meio do choque nervoso que o horrivel accidente lhe produziu e do pesar que sentia pela mágoa de Hugo e a forçosa separação, Letty não poude deixar de pensar:

— Elle voltará... Virá buscar-me... Mas perdemos a nossa suprema aventura... a opportunidade de decidir nosso proprio destino. Nunca mais teremos a emoção da aventura.

REGRESSO

Para dizer-te o que soffri, querida,
de longe, regressei, cansado e doente,
sonhando que esperavas impaciente
esta volta de ha tanto promettida.

E cheia de ternura a alma illudida,
sem saber que o destino ás vezes mente,
para falar-te regressei contente,
para beijar-te mendiguei a vida.

E ao fim dessa jornada de tormentos
de olhos humidos, tristes e cansados,
exhausto o coração e os pensamentos,

vencido passo a passo o arduo caminho,
encontrei os rosaes abandonados
e fiquei a chorar devagarinho!

João Seabra

Hugo permaneceu no Oeste apenas poucos mezes. Depois de tudo, Alice e elle tinham vivido separados durante annos.

Elle voltou em uma tarde chuvosa e sombria de outomno, e Letty, que estava trabalhando no jardim, soltou um grito de surpresa e prazer, ao vêl-o.

Hugo abraçou-a á vista de todas as abertas janellas dos curiosos vizinhos. Ella retirou-se um pouco, olhando-o com expressão de espanto.

— Letty — disse Hugo, após um instante, e olhando-a, por sua vez, attentamente. — não avalias como te acho differente...

— Mudei, então?...

— Não. Mas te vejo de um modo differente, agora que sei que posso fazer-te minha.

— Mas antes já sabias disso...

— Oh! Mas não assim. Agora podemos pertencer-nos mutuamente, sem empecilhos e sem preoccupar-nos com outra coisa além da nossa felicidade.

— E' verdade — concordou ella, lentamente. — Tu serás meu marido.

— E tu minha esposa... — respondeu elle.

Ella olhou-o surprehendida.

— Mas esta é nossa suprema aventura, Hugo.

— E' verdade. Quem havia de o imaginar?...

E o jardim, os álamos, os rosaes despidos não lhes pareceram parte de um mundo estranho, mas reaes, simples e familiares...

BELLEZAS FAMOSAS DA HISTORIA

Para a formosa Fiametta,

o cuidado da pelle era uma obrigação penosa —

Fiametta, celebre pela belleza de sua pelle na antiga côrte de Napoles, foi quem estimulou o genio creador do audaz e immortal Boccaccio. Desde que a viu pela primeira vez, até á sua morte, o fogo da paixão ardeu eterno no coração do grande prosador italiano. Quantas horas não terá ella passado cuidando da belleza que foi a inspiração de um poeta?

Mas, para a Senhora, é o que ha de mais facil

Já não é preciso que a Senhora dependa de methodos enfadonhos e complicados para obter essa cutis que as outras mulheres invejam. Hoje, as mulheres que sabem como embellezar-se, adoptam o simples tratamento Dagelle para o perfeito cuidado da epiderme. Em primeiro lugar, antes de applicarem o pó e o rouge, preparam a pelle com uma tenue camada de Creme Evanescente de Dagelle, protegendo-a, assim, contra o sol, o vento, o pó e a chuva, durante o dia inteiro. A' noite, passam uma bôa quantidade de Creme Perfeito de Dagelle sobre os póros da face, collo e braços, para suavizar a textura da pelle e tornal-a mais fina e macia. De manhã, uma applicação de Vivatone, o tonico revigorante, torna a epiderme rosada, emprestando-lhe saúde e vigor. Por que não experimenta este simples methodo de obter a especie de belleza que os homens tanto admiram? Envie hoje mesmo o coupon para que lhe remettamos o Estojo Especial de Belleza.

DAGELLE

Creme Evanescente ~ *Vivatone* ~ *Creme Perfeito*

DAGELLE, R. Theophilo Ottoni 44, Rio de Janeiro

Queiram enviar-me um Estojo Especial de Belleza, contendo os tres admiraveis preparados de DAGELLE. Junto envio a quantia de 5$000 *em carta com valor declarado.*

Nome ....

Rua e No. ....

Cidade .... *Estado* .... (F. F. - 4)

ANNO XXVI

FON-FON

NUMERO 32

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 6 de Agosto de 1932

A PSYCHOLOGIA DA VOZ

AS mulheres, em geral, se admiram quando lhes faço a psychologia pela voz. E ao empregar voz, quero significar — a voz que nos é transmittida pelo telephone.

Certa vez, uma senhorita me affirmou através de um fio telephonico:

— Sou loura. Tenho dezoito annos. Magra, triste, sincera...

E parou. Para que mais?

Sincera? Sorri, naturalmente. Mas—palavra de honra!—não foi por esse "sincera" tão firme, dito com tanta volubilidade, que me apressei em duvidar das palavras da interlocutora.

— Não é possivel. Admitto que seja loura, magra... E dou-lhe tambem os dezoito annos de praxe. Toda mulher deve ter dezoito annos risonhos. Pelo menos para nos fazer crêr que anda perto dos trinta e seis... Mas...

E fiz umas reticencias maldosas.

— Diga o resto. Vamos! Não se acovarde...

— Não creio que seja sincera, nem melancolica.

— Ora essa! Por que, *seu* idiota? *Seu* psychologo de fancaria?

— Por que? A sua voz é de timbre incerto. Indica: volubilidade. E' quasi sempre gritante. Exprime: — satisfação de si mesma. Alegria. Ora, uma creatura que possúe essas caracteristicas não é nem póde ser uma creatura sincera...

A moça estava verdadeiramente alarmada. Como, si a não conhecia?

Chamou-me diabolico, "homem que tinha parte com o diabo", e outras coisas lisonjeiras e amaveis para um typo esquisito como eu.

E foi o bastante.

Senti-me satisfeito.

A minha interlocutora era tal qual eu suppunha.

*

Como se póde conhecer o caracter pela voz?

Não é facil, asseguro.

Entretanto, darei aqui alguns dados, segundo os quaes podemos fazer a psychologia pelo timbre da voz.

Vejamos:

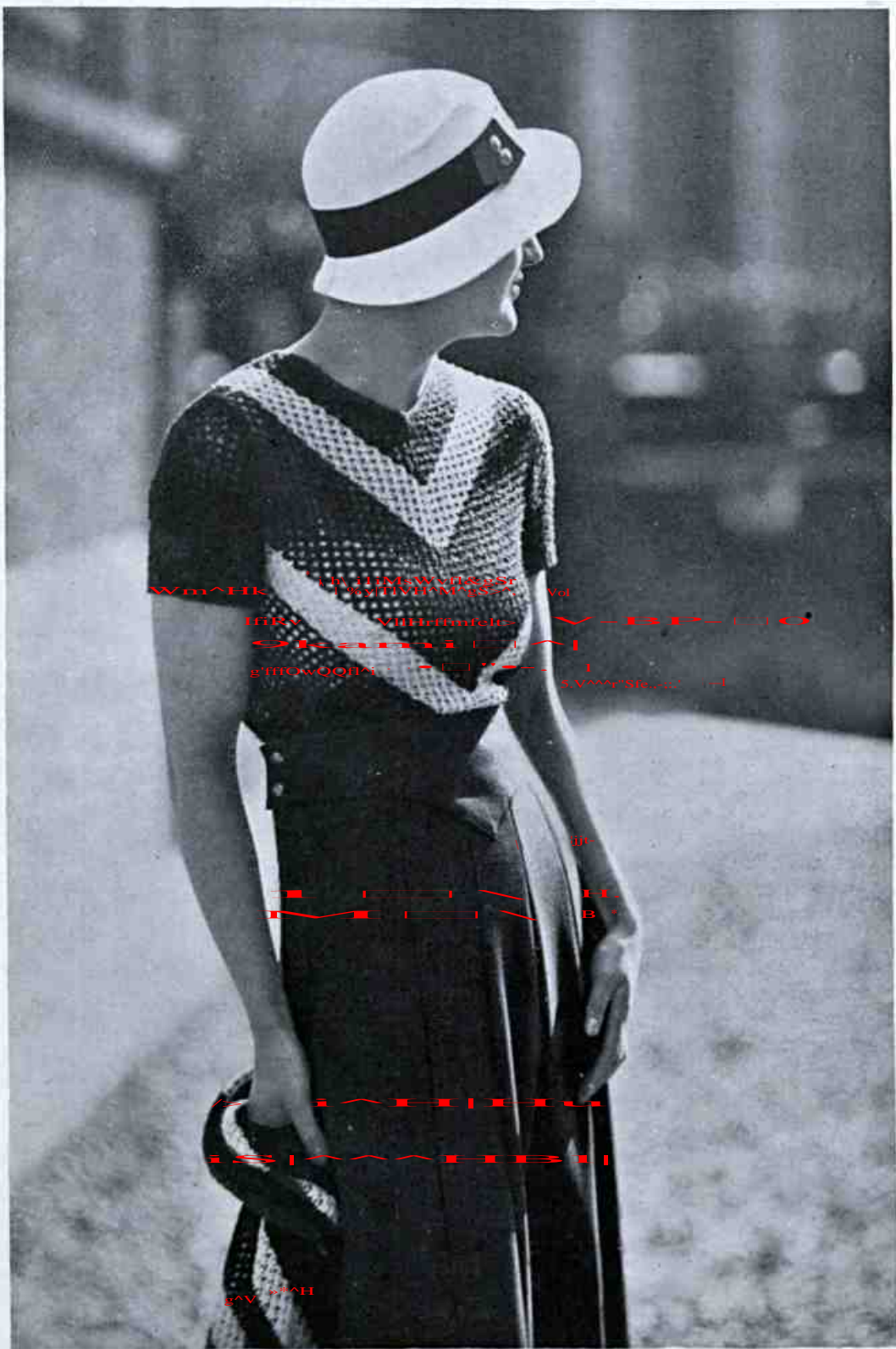
As pessôas alegres têm a voz sonora e ligeiramente alteada. A voz da melancolia é surda, sem côr. Os homens e as mulheres de temperamento bilioso têm a voz elastica. Os de humor sombrio possuem uma voz fatigada. Os devotos são unctuosos no falar. Os maldizentes têm a voz aspera, raspante. Os mediocres se traem pela voz hesitante e ligeiramente fanhosa.

Agora, um conselho, que se lê num dos mestres em semelhantes assumptos:

"Ha certas mulheres cujo timbre de voz é evidentemente desagradavel. Melhor seria que se conservassem mudas. Fugi dessas mulheres. Ellas peccam pelos defeitos de caracter que, facilmente, se descobrem."

*

O principal, em tudo isso, não é fazer a psychologia pela voz: é saber como ellas fingem, quando falam, melosamente, á maneira de gatas preguiçosas...

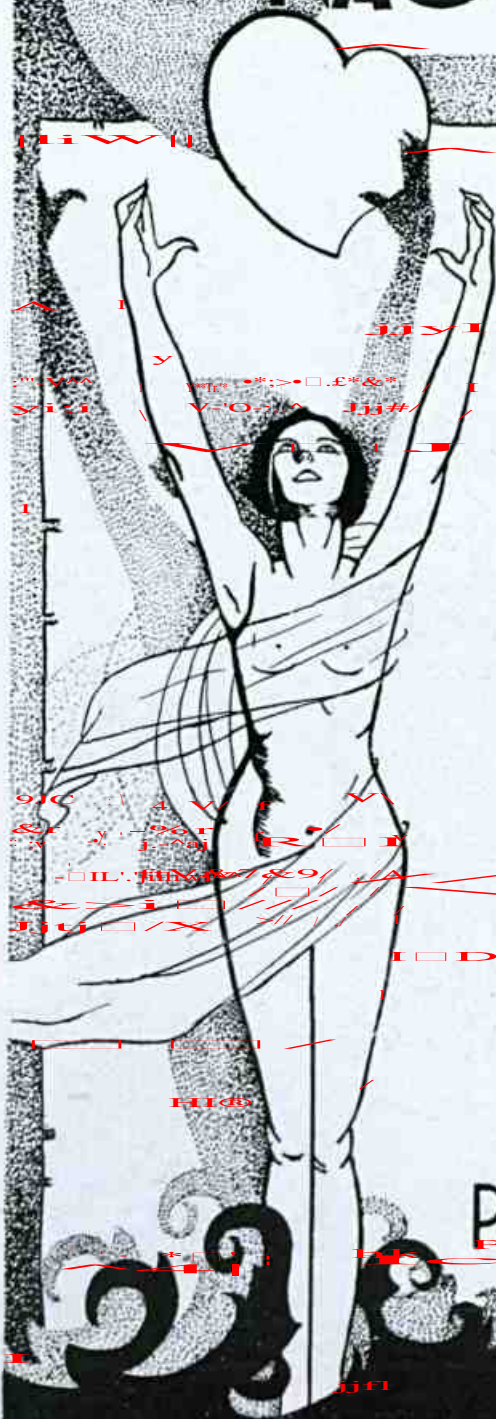
BASTOS PORTELA

A MULHER CHIC

Jupe flanelle marine. Sweater et écharpe bleu, rouge, blanc. Panama blanc, gros grain marine.

CREAÇÕES JEAN PATOU

(Photos especiaes para FOX - FOX).

Tailleur de lainage marine. Blouse tricot blanc. Chapeau de feutre blanc garni marine

NÃO ME TORTURES!...

Vê bem: Meu coração, triste e sózinho,
Vive pregado á cruz de uma saudade
E, como ave ferida, já sem ninho,
Sonha apenas a paz da eternidade.

Linda que és, pede a um outro esse carinho,
Com que farás tua felicidade,
Que eu, por mim, vou seguindo o meu caminho,
Até na morte achar tranquillidade.

Consente que não siga, pois, teus passos
E, fugindo ás serpentes dos teus braços,
Que não anseie pelos beijos teus!

Deixa quieto, a lembrar, meu coração!
Não me queiras crear nova illusão...
Não me tortures, pelo amôr de Deus!

PAULO GUSTAVO

desenho de OSWALDO MAGALHÃES

Caverna de Ali Babá

FOLK-LORE

Corre entre nós curiosa anecdota sobre um colleccionador de coisas antigas muito conhecido. Dizem que o mesmo, viajando pelo interior de Minas em busca de preciosidades coloniaes, viu, na casa dum caipira, um gatinho a beber leite em maravilhosa tigela de louça da India. Afim de não despertar a attenção do dono, gabou o gato e propôz compral-o. Offereceu dez mil reis pelo bichano. O outro rejeitou. Offertou vinte e trinta, ao que o caipira não resistiu. Então, disse:

— Homem, agora me venda a tigelinha para dar leite ao gatinho.

E o mineiro:

— A tigela não tem preço, seu doutor, porque serve para vender gatos. Por causa della, já vendi nove gatos este anno...

Encontramos a mesma historia, com pequena differença, na Venezuela. El Nuevo Diario de Caracas publica-a no seu numero de 22 de maio ultimo sob a epigraphe Cuento judio.

"Isaac viajaba por unos pueblos del interior, en busca de cosas raras para su colección de antigüedades, que tende a buen precio en la capital.

Isaac llega a un cafetín y pide en un bodegón que le sirvan un vaso de guarapo; notando que el envase en que le dan el refrescante liquido es un precioso trabajo incaico. Piensa para adentros que podrá obtenerlo fácilmente y para lograr su intento, dice al dueño del negocito:

— Quisiera llevarme un buen poco de ese guarapo tan sabroso... póngamelo en ese mismo cacharro sucio...

Y paga con un fuerte, regalando el vuelto al expendedor.

Nuestro hombre entonces sirve al judio el guarapo en una totallita, décendole:

— No, viejecito... aquí lo lleva mejor, más cómodo que en ese cacharro sucio, que ademas me ha servido para vender mi guarapo bien caro a vivos como usted..."

O contozinho não é brasileiro, pois. Tambem não deve ser venezuelano. E é mais que certo pertencer ao vasto anecdotario sobre judeus espalhado pelo mundo

O talento polymorpho de Gustavo Barroso acaba de presentear as letras patricias com um livro a mais, intitulado «Luz e Pó». O applaudido romancista, o admiravel reconstituidor de muitos dos nossos feitos historicos, o apreciado sociologo sertanejo, o illustre ensaista, digno, portanto, da honrosa immortalidade que desfruta no seio da nossa Academia, accrescentou mais um titulo ao seu renome, apparecendo-nos, agora, envolvido nas roupagens do pensador e do philosopho, do moralista e do critico social. A nova faceta do pensamento de Gustavo Barroso não é em nada inferior ás demais já conhecidas do publico e a justa fama de que goza o grande escriptor patricio mais se consolidou com esta sua nova recente producção. «Luz e Pó» é obra de meditação e de observação profundas. A leveza do estylo não prejudicou a magnitude e a belleza dos assumptos ventilados. Com um pouco do pessimismo de Schopenhauer e muito do optimismo de Marden, a obra de Gustavo Barroso tem, igualmente, caracteristicas pessoaes de vigoroso impressionismo, parecendo que muitas das suas maximas foram traçadas a pincel, tal a viveza do detalhe, a firmeza das nuanças e os tons macios das sombras. O novo trabalho de João do Norte é bem a prova da affirmação que faz de que «a sua vida é uma ascenção constante para a luz». E, lendo-o, tem-se a certeza integral de que «dia a dia o seu espirito se desprende da capa de chumbo da materia e vae subindo para as altas regiões do pensamento e da gloria. Da gloria e da immortalidade.

AS MULHERES E A CONSTITUINTE

O governo provisorio promulgou um decreto, nomeando a commissão encarregada de estudar e preparar o ante-projecto da futura constituinte da republica. Contemplou na mesma a algumas mulheres e, logo que o publico soube disso, declarou que não haveria meio da tal commissão chegar um dia a qualquer entendimento, pois ellas, quando dessem para discutir, nunca mais se calariam.

Afim de evitar esse inconveniente, faltou ao decreto do governo provisorio um pequeno dispositivo, mandando que das mulheres nomeadas falasse sempre em primeiro logar a mais velha...

Seria tiro e queda...

CHRISTO-REI

D'O alto do Corcovado, Christo Redemptor, de braços abertos, abençôa a cidade maravilhosa estendida a seus pés e abençôa o povo brasileiro. E, reflectindo-se sobre a cidade em todos os corações, e bem dentro, no fundo mysterioso das almas — da grande alma religiosa do Brasil — illumina-se, num gesto de paz, numa attitude de perdão, a estatua monumental do Redemptor, erigida no pincaro alcantilado do Corcovado. Paz entre todos os filhos do Brasil... Perdão, para todos aquelles que erraram e desencadearam os odios, a luta, a guerra, o exterminio, a dôr, a desolação e o luto sobre a grande patria tutelado pelo Cruzeiro do Sul.

E que a Paz e o Perdão desçam sobre a nossa terra e, silenciosas, em continência ao lemma sacrosanto da nossa Bandeira, ensarilhem-se as bayonetas pela Ordem e pelo Progresso do Brasil.

Por iniciativa do Centro Carioca, foi solemnemente inaugurada no ultimo sabbado a illuminação permanente do monumento a Christo Redemptor, do Corcovado, aonde compareceram, para esse fim, os representantes do cardeal d. Sebastião Leme e do ministro da Viação, respectivamente, monsenhor Gonzaga do Carmo e dr. Jayme Tavora. Estavam tambem presentes a directoria do Centro Carioca e outras pessôas gradas, especialmente convidadas para a solennidade, de que offerecemos dois detalhes photographicos nesta pagina. Na pagina ao lado, vê-se o monumento do Corcovado com a nova illuminação.

Tropas do Exercito aguardando o momento de seguir para o campo de operações, e, em baixo, um grupo de voluntarios da Columna Flôres da Cunha, em exercicios no pateo do Quartel General.

CONFIANÇA...

Abrahão, judeu puro sangue, levanta nos braços o filho pequeno, põe-no ao pé duma escada e diz-lhe:

— Agora, filhinho, salta dahi cá em baixo!

— Não, papae, responde o gury, porque caio e me machuco.

— Deves vêr que teu pae não te deixará cahir. Tem confiança nelle. Anda: salta!

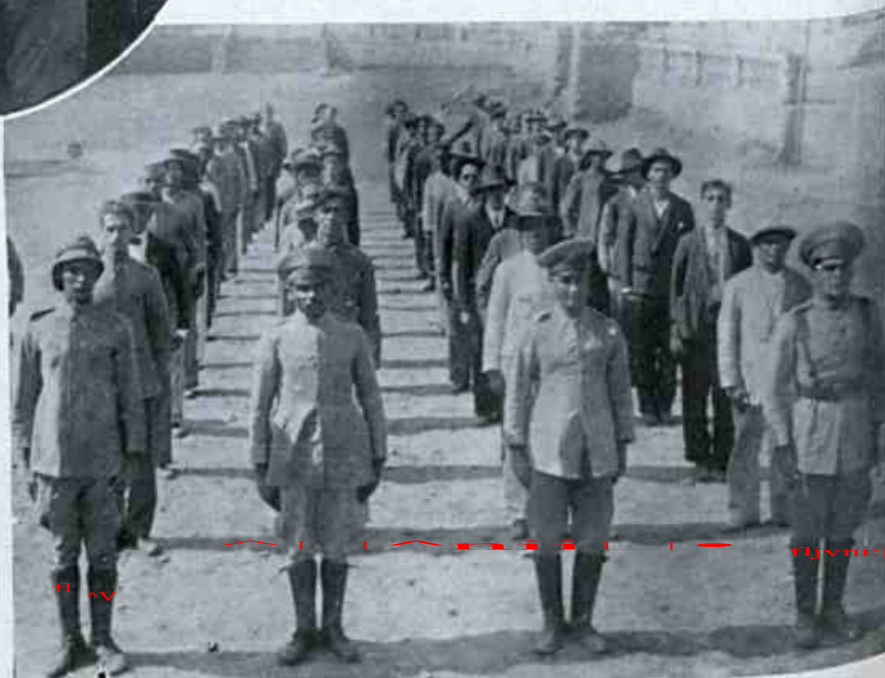
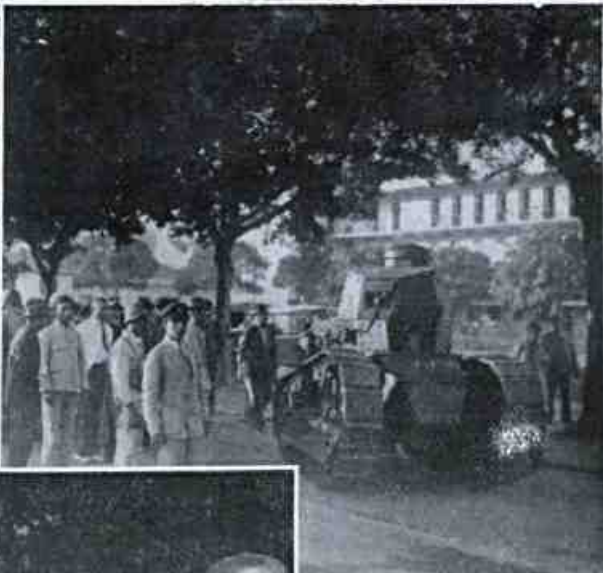
O pequeno não vacilla: atira-se lá de cima; mas o pae, em lugar de apara-lo, se afasta e elle se esborracha no chão.

Então, Abrahão exclama:

— Isto te ensinará a não tôres confiança em ninguem, nem em teu proprio pae.

SABEDORIA

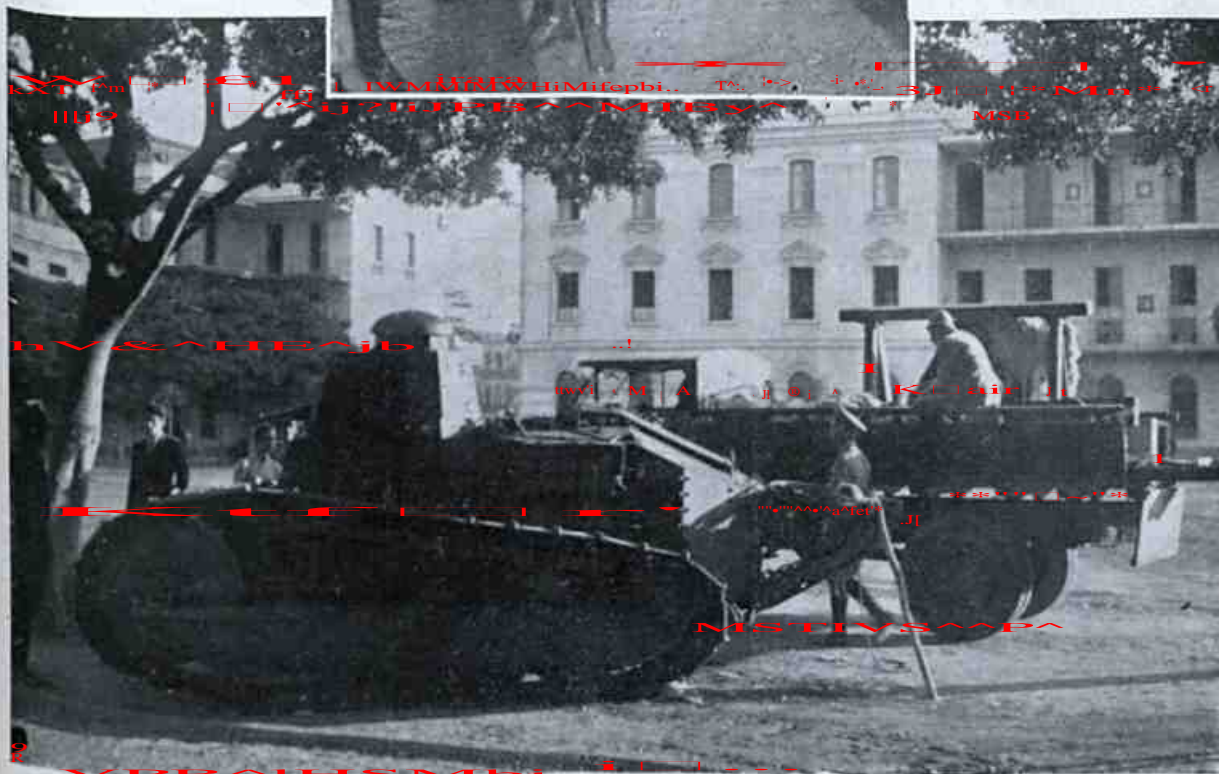
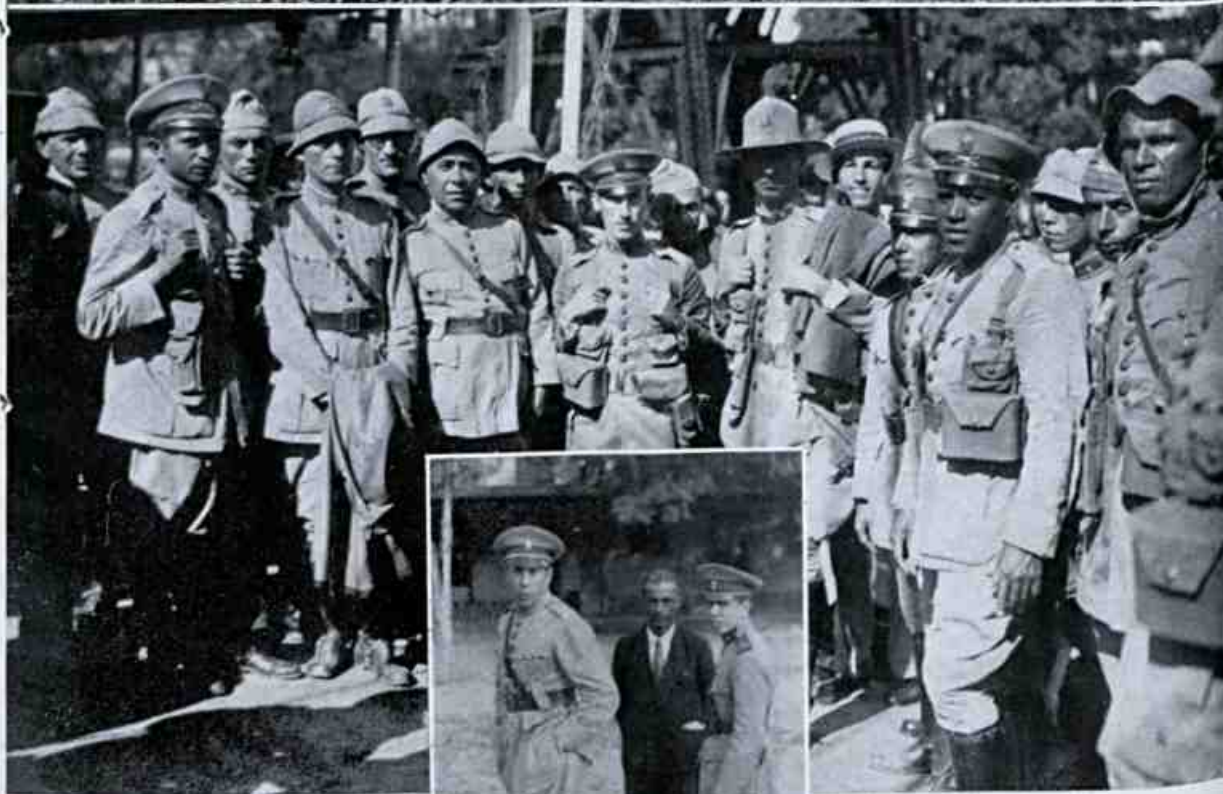
Não ha disfarces que consigam esconder o amor, si elle é verdadeiro, nem fingil-o, si realmente não existe. — *La Rochefoucauld.*

Que as mulheres não se queixem dos homens; elles são apenas o que ellas os fizeram. — *Duclos.*

Carros de combate que seguiram para o «front», sob o commando do tenente Kastruc, que se vê na photographia do centro.

EXPERIENCIA NOTAVEL

Em 1913, o professor Carrel communicou á Academia de Medicina de Paris a seguinte experiencia:

Conseguira separar do corpo dum gato vivo todos os orgãos internos: coração, pulmões, figado, baço, estomago, tubo digestivo, rins, etc., formando tudo isso um só bloco extraído das profundezas do peito e do ventre. Os orgãos assim arrancados fôram postos num local, de maneira que na abertura superior ficasse a trachéa e na inferior a extremidade dos intestinos. E as visceras assim desligadas do systema nervoso do animal continuaram vivas durante alguns dias. O coração batia e a digestão se effectuava.

Essa experiencia, que mostra a vida dum organismo sem cabeça e sem membros parece obra de magia. Entretanto, realizou-se. A' sciencia parece que nada será impossivel.

No alto: officiaes do Exercito em operações na linha de frente. Ao centro: a officialidade da policia do Espirito Santo, ladeando o seu commandante, o coronel Wulmar Carneiro da Cunha. Em baixo: instantaneo do capitão Pradel, commandante do Forte de Copacabana.

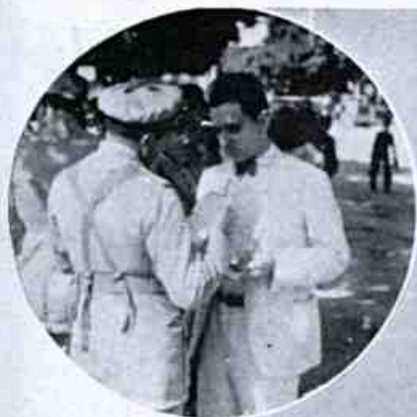
COCAIS A

As loucuras divinas, as coisas doidas, quando tocam ao sublimo, assumem o aspecto de grandes verdades...

Os philosophos amargam a Vida com as suas verdades.

Occupar-se a gente de coisas sérias equivale a pregar no deserto ou fallar aos peixinhos...

Por que a moral, quando pregada com solennidade, provóca o riso?

Mario Fovre

O vapor «Commandante Alcidio», que, por determinação do governo provisorio, conduzira ao porto de Santos as pessoas residentes em São Paulo que aqui se encontravam desde o inicio do movimento revolucionario alli irrompido no dia 9 do mez findo, havia deixado o nosso porto na manhã do ultimo sabbado, quando desatracára do cáes da ilha das Cobras, onde se realizou o embarque dos passageiros, em numero de 302, segundo informações officiaes publicadas pela imprensa diaria. Esta pagina focaliza aspectos tomados por occasião da partida do «Commandante Alcidio».

REJUVENESCER!

conto de Augusto Linhares

PERANTE a Academia de Medicina reunida em sessão extraordinaria, o Dr. X... fizera sensacional communicação: demonstrara de maneira irrefutavel possuir meios seguros e infalliveis para rejuvenescer as mulheres. Certo elle não indicava nenhum dos seus processos, sinão mostrava a todos os resultados obtidos na sua clinica e nos seus laboratorios. Verdadeiros prodigios!

Alguns dos ouvintes menos discretos para logo lhe perguntaram, muito interessados:

— Podeis igualmente remoçar os homens?

Respondeu-lhes:

— Vou agora dirigir as minhas pesquisas nesse sentido. Encontro-me, porém, deante de um problema absolutamente novo, pois os meus methodos differem essencialmente do dos meus collegas que até hoje se têm occupado destes estudos: Brown-Sequard, Steinach, Voronoff, Doppler, Bosquet, Wilhelm, Cavazzi. Grandes são todavia as difficuldades que tenho enfrentado; mas a solução será certa. Porque a vida é infinita como o Universo, e a juventude do mundo, eterna. A morte não existe; só a vida freme, palpita e plana no Grande Todo. Comprehendo a necessidade de se conservar, renovando-lhes o organismo, os grandes e bellos cerebros humanos, afim de lhes prolongar a maturação luminosa e bemfazeja.

Desse dia em deante, o Dr. X... tornou-se celebre e o idolo de todo o mundo. A sua notavel descoberta havia sido transmittida pelo radio através dos Continentes. As sociedades sabias felicitavam-no; os governos expediram-lhe todas as condecorações que ainda lhes restavam da Grande Guerra. Velhas matronas americanas radiogrammavam-lhe pedindo preferencia, offerecendo-lhe milhões para que lhes fosse applicado o tratamento o mais cedo possivel.

O joven sabio, galã da sciencia, libava-se em plena gloria. Aos trinta e cinco annos experimentava o sabor magnifico de uma victoria de ha muito reclamada para a felicidade dos povos.

Dentre as delegações que lhe solicitavam a honra de ser recebidas, uma havia que apenas trazia por titulo: *As Senhorinhas de França*. Ordenou fosse esta a primeira a ser attendida. Compunham-na quatro senhorinhas, das quaes a primeira, loura, era bellissima; a segunda, ruiva, feiissima; a terceira, trigueira, de linda cara, mas de corpo desgracioso; e a quarta, morena, de olhos fascinadores mas de dentes postiços.

O doutor, esperando tocante manifestação, já ensaiava "poses" photographicas, quando a primeira das delegadas se apressou em lhe declarar seccamente:

— Fomos commissionadas pelas moças de França para fazer sciente do grande desprezo que nos inspira quem, movido por vaidade e ambição, commette tamanho attentado contra a nossa felicidade...

Imprevisto e brutal era o ataque.

— Perdão, Senhorita! Eu não estou convencido de haver commettido o menor attentado contra a felicidade das moças de França, nem tampouco de nenhum outro paiz. Rogo-vos a gentileza de uma explicação.

— Pois não. Nada mais simples. Rejuvenescendo as velhas, matronas, qual o vosso objectivo sinão tornal-as novamente bellas e desejadas? Mostram as estatisticas que ha no mundo mais mulheres do que homens. Como conseguiremos, nós as moças, jamais nos casar, si, por vossa causa, as velhas remoçadas irão dagora por deante concorrer comnosco?

O Dr. X..., julgando tirar partido de um galanteio facil, objectou-lhe triumphante:

— Linda como é, não deve temer concurrencia. Pelo contrario...

Mas a lourinha, cada vez mais indignada, cortou-lhe a palavra:

— Sei que não sou feia, mas sou pobre. Emquanto que as velhas que tiverdes renovado são todas ricas. Todas nós temos defeitos; ellas, porém, possuindo a larga experiencia dos annos, saberão melhor dissimulál-os. Emfim, será uma luta desigual essa que estaes desencadeando. Enganae-vos julgando que o rejuvenescimento espalhará a felicidade sobre a terra. O tempo passa, e com elle as florações humanas...

O autor deste conto é o dr. Augusto Linhares, luminar da sciencia medica brasileira e figura illustre dos nossos circulos intellectuaes, onde o seu nome desfructa de largo prestigio e das mais altas sympathias. Ainda ha pouco, dissertando sobre a cirurgia esthetica, no salão de conferencias da Policlinica Geral do Rio de Janeiro, o dr. Augusto Linhares teve opportunidade de constatar o apreço em que é tido entre seus collegas nas homenagens alli tributadas aos seus meritos de scientista e homem de letras. O conto desta pagina é um trecho da conferencia do dr. Linhares, que fixa, em "Rejuvenescer", uma linda historia a proposito da these desenvolvida na sua admiravel exposição scientifica.

O sabio já agora olhava curiosamente a sua interlocutora, que falava com ardor; e parecia concordar com os seus argumentos e comprehender-lhe a sinceridade da indignação. E perguntou-lhe, já com certa intimidade:

— Em conclusão, Senhorita, o que é que eu posso fazer por você?

— Apenas isto: não praticar mais o vosso processo.

Desculpou-se como poude o doutor, e prometteu-lhe reflectir, e resolver o caso dentro de oito dias.

Antes de se completar a semana aprazada, volta a lourinha. Voltou só. E durante duas longas horas permaneceu no consultorio do medico. Ao sahir, estava radiante.

As demais delegadas esperavam-na impacientes na séde da Associação. Célere lhes levou a bôa nova de que o doutor jurára nunca mais praticar o rejuvenescimento das velhas matronas. Não lhes disse, no emtanto, que durante aquellas duas longas horas haviam falado de tudo menos da famosa descoberta.

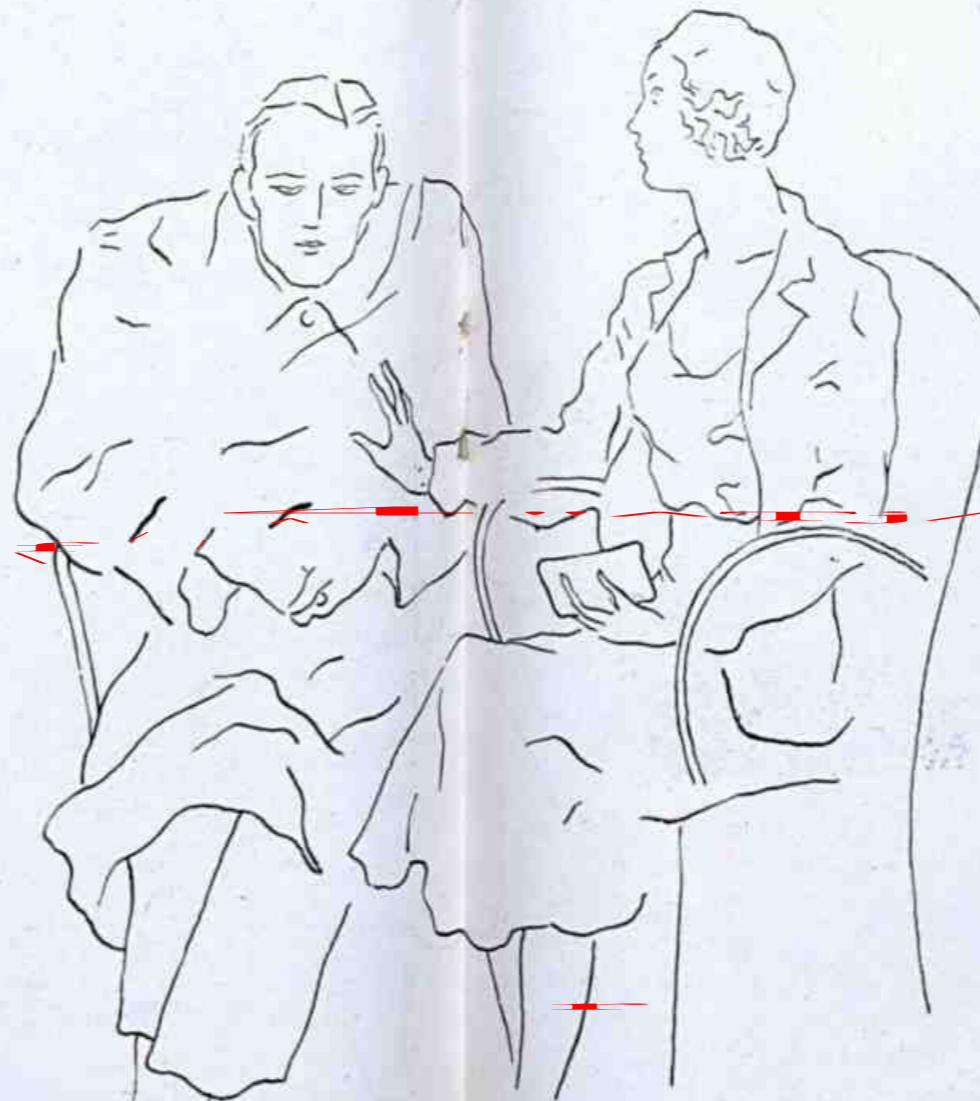
*

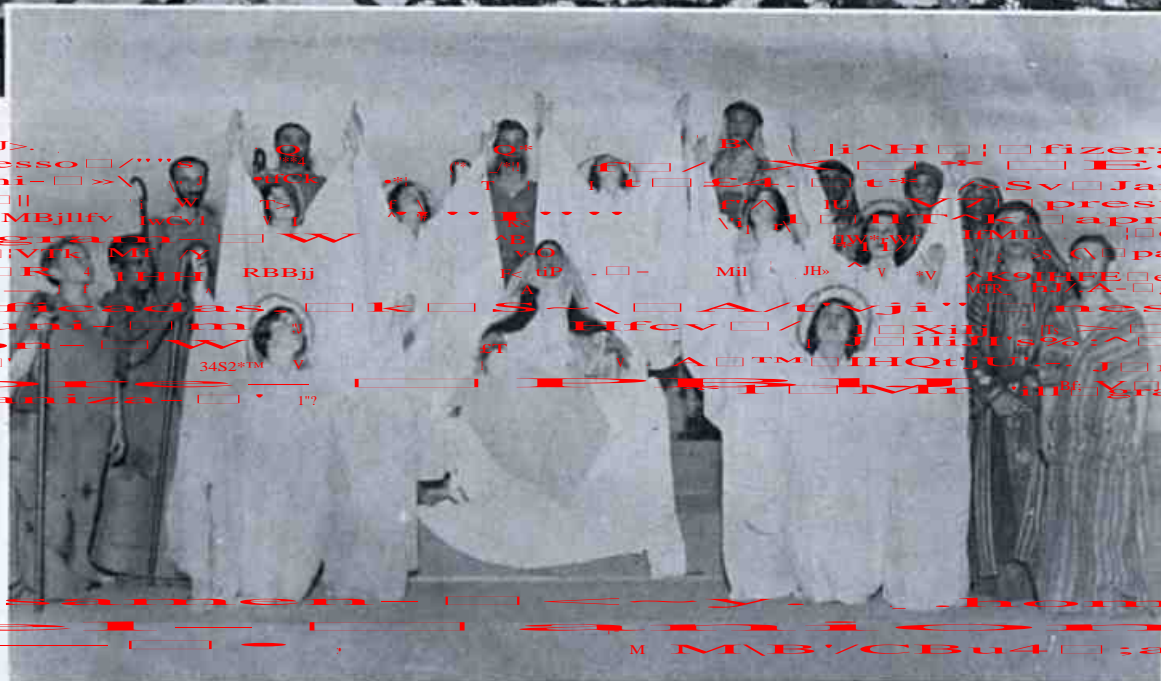
Passam-se os annos, vinte, depois desses acontecimentos.

A loura Mme. X... envelhecêra. Seu espelho, indiscreto confidente, denunciava-lhe as devastações dos annos. Eram rugas sulcando-lhe a face ainda bella. Decidida, porém, como era, procurou o marido, e carinhosamente lhe perguntou:

— Meu sabiosinho querido, vês?, estou ficando velha. Por que não me rejuvenesces?

E elle:

— Impossivel, minha filha: dei-te a minha palavra de honra.

ILLUST. PAULO WERNECK

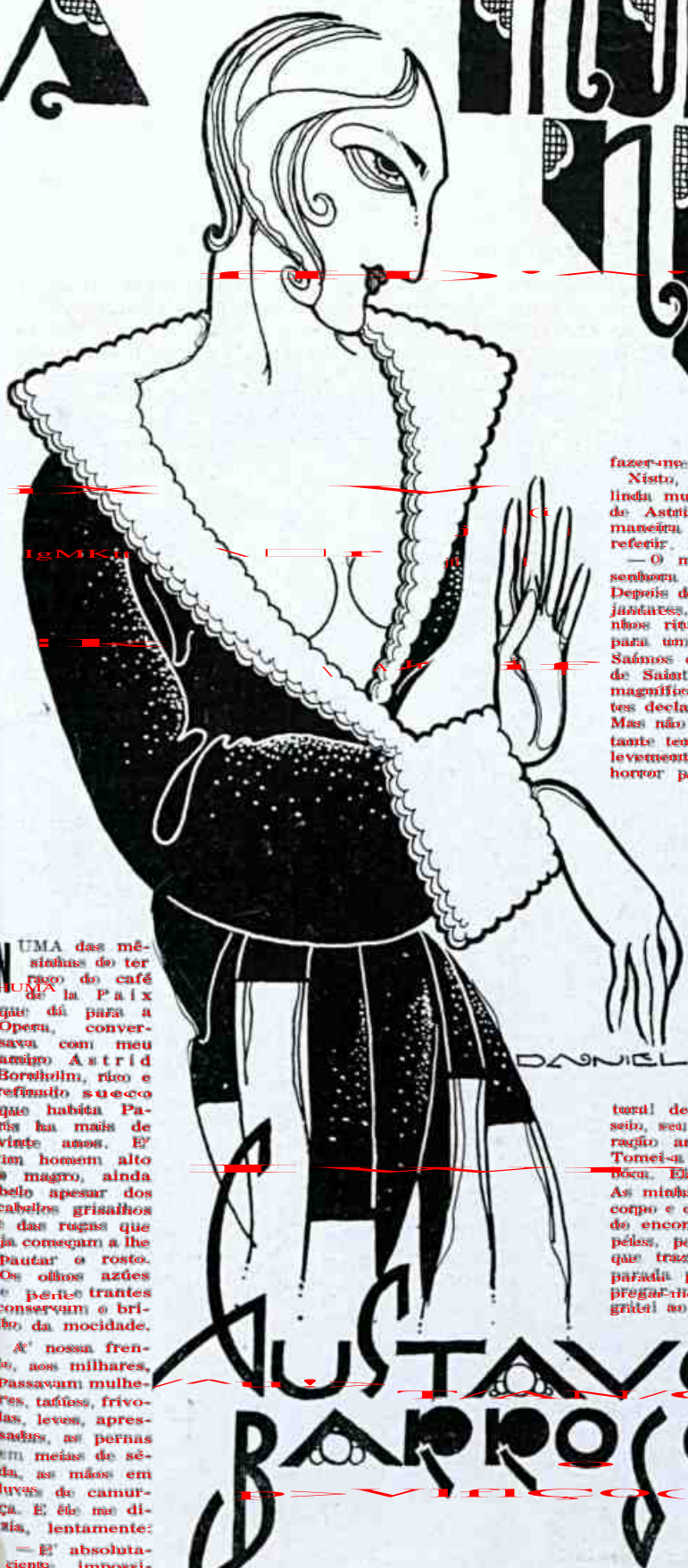
Acaba de se realizar nesta capital o 11.º Congresso Mundial de Escolas Dominicaes, cujos trabalhos encheram toda a ultima semana, com um programma de solennidades que foi cumprido á risca, desde a sessão de installação á de encerramento, verificadas, ambas, no theatro Municipal. A importante convenção internacional alcançou, assim, o êxito previsto pelos seus organizadores. Trinta e tres nações fizeram-se representar neste Congresso, e o Rio de Janeiro acolheu com expressivas demonstrações de apreço todos os delegados estrangeiros que vieram participar da grande assembléa. As duas photographias que estampamos nesta pagina fixam detalhes da noite de arte que se realizou sabbado ultimo, no theatro João Caetano, como parte do programma do 11.º Congresso Mundial de Escolas Dominicaes.

SABEDORIA

E' no baile que se faz a maioria dos casamentos, e é no baile que elles se desmancham. — Rochebrune.

SABEDORIA

O homem que não amou com paixão não viveu a mais bella metade da vida. — *Stendhal.*

A Mulher Nua

Gustavo Barroso

NUMA das mêsinhas do terraço do café de la Paix que dá para a Opera, conversava com meu amipo Astrid Bornholm, rico e refinado sueco que habita Paris ha mais de vinte anos. E' um homem alto e magro, ainda belo apesar dos cabelos grisalhos e das ruças que já começam a lhe pautar o rosto. Os olhos azúes e penetrantes conservam o brilho da mocidade.

A' nossa frente, aos milhares, passavam mulheres, tafúes, frivolas, leves, apressadas, as pernas em meias de séda, as mãos em luvas de camurça. E êle me dizia, lentamente:

— E' absolutamente impossivel compreendê-las. Não sabem o que fazem nem o que dizem. Hoje querem. Amanhã, não querem mais. Praticam átos verdadeiramente inexplicaveis. Tenho perto de quarenta anos de pratica e ainda conseguem fazer-me surpresas. Vou, aliás contar-te a ultima.

Xisto, na doçura triste da tarde outonal, uma linda mulher deslisou deante de nós. O olhar azul de Astrid Bornholm fixou-a rapidamente de tal maneira que senti ser aquela a dama a que se ia referir. Mas não me dei por achado e escutei-o.

— O meu caso, disse êle, passou-se com uma senhora casada da mais alta sociedade parisiense. Depois de longos mêses de flirt nas recepções, nos jantares, nos bailes, acompanhado dos presentinhos rituais de bonbons e orquídeas, convidei-a para um passeio de automovel sozinhos. Aceitou. Saímos de Paris pelo Bois e tomámos a estrada de Saint Cloud. Emquanto o carro rodava sob o magnífico luar de agosto, fiz-lhe as mais ardentes declarações de amor. Ela sorria. Ás vezes, ria. Mas não pronunciava uma palavra. Depois de bastante tempo, falou-me muito enleada, acariciando-levemente as mãos. Disse-me de seu profundo horror pelo desejo brutal dos homens. Eram, ao seu vêr, quasi todos, entes sem a menor sensibilidade, verdadeiros animais. Só lhes interessava a posse material da mulher. Pouco lhes importava sua alma, seu ooração, seu espirito. Ela desejava um amor sereno e puro, feito de carinhos suaves e de atenções reciprocas. Queria amar sem as violências da carne, amar em espirito, em suavidade e enlevo, pelos olhos, pelas mãos, pela compreensão intima e silenciosa. Mais nada. Absolutamente mais nada. O resto, o contáto dos oorpos horrorizava-a. Era-lhe impossivel entregar-se a um homem.

Ouvi-lhe a profissão de fé até o final com toda a calma e procurei ocultar quanto possivel a minha natural decepção. Todavia, quasi ao fim do passeio, seu mômo contáto, seu perfume e sua respiração arfante tornaram a encher-me de ardor. Tomei-a subitamente nos braços e beijei-a na bôca. Ela correspondeu á volúpia do meu beijo. As minhas mãos erraram, ávidas, ao longo do seu corpo e o sentiram inteiramente nú. Ela tinha vindo encontrar-se comigo coberta por uma capa de peles, porem dentro desse manto a única roupa que trazia eram as meias! E, vindo assim preparada para a sensualidade, levára uma hora a pregar-me platonismos!... Fiquei tão indignado que gritei ao chófer que parasse, desci, sem saber onde me achava, e mandei que êle a levasse á casa. Vim de Auteil á Cascata a pé, tome! um taxi e fui passar a noite numa boite de Montparnasse.

Eu sorria beatificamente para a gase violeta que o crepusculo estendia devagarinho sobre a fachada monumental da Opera, para o lilaz do céu e para os vultos delicados das mulheres que passavam. Astrid perguntou-me:

— Não achas que fiz bem? Não farias o mesmo?

— Não, meu caro. Eu não sou sueco, sou brasileiro e faria por isso justamente o contrario...

Uma «pose» séria da interessante Therezinha, filha do casal Armando - Julieta Navarro da Costa.

A galante menina, de vez em quando, resolve ficar doente, e logo é chamado o medico para soccorrel-a.

Apparece o medico, procéde aos necessarios exames, não descobre nenhum mal physico, mas, delicadamente, deixa sempre a sua receita. Agua distillada com um calmante qualquer... A primeira vez que o sympathico joven foi á casa da galante menina não notou nem desconfiou que estava sendo victima de uma cilada. A doente soube representar muitissimo bem o seu papel de artista de comédia...

A familia tambem acompanhou com bastante interesse os lances da peça. Mas, ninguem, por fim, sahiu contente, porque o esculapio é de circo...

Attende aos constantes appellos da pequena, comparece ao *local* do crime, receita, manda a continha pontualmente ao fim de cada mez, mette o cobre no bolso e acha graça...

E como a galante menina é *bôa* cliente, vae philosophando sobre o caso, fingindo que não entende coisa alguma, nem mesmo que está sendo desejado para marido da garota.

Dizem que teimosia, ás vezes, dá resultado; e, escudada na esperança, a pequena vae tocando o barco, para o porto desejado.

O esculapio é *pirata* e sabe se defender maravilhosamente dos golpes mais perigosos...

Trepações

QUANDO o marido entrou, de volta do seu escriptorio, madame, que o esperava impacientemente, recebeu-o com o seu sorriso costumeiro. E foi-lhe dizendo, emquanto o abraçava:

— Vieste tão tarde, hoje, Paulo!... Por que? Muito trabalho?

— Sim, que ia, muito. E, tanto, que te telephonei communicando-te que não vinha almoçar em casa. Estou estafado... Ufa!...

— Sim?... Nem podia deixar de ser assim...

— Hein? Que queres dizer? Este teu geito... Estás nervosa... preoccupada... Que tens?

— Nada... E' melhor calar... Uma coisa... uma coisinha atôa... Depois saberás...

— Acho-te um tanto esquisita, mysteriosa...

— E a fita, que tal? Bôa?...

— A fita?... Que fita?

— A de hoje, no cinema onde estiveste... Mary Ann trabalhou bem? E' admiravel, não é?

— Minha filhinha, vem cá... Estás brincando com o teu marido, não é?

— Brincando? Antes fosse, seu miseravel!

E madame, em pranto, enfiou para o quarto do casal, emquanto o marido, attonito, nervoso, receiando um accesso de loucura, esbugalhava os olhos, amedrontado... Procurou-a, depois, carinhosamente.

— Querida, meu amor, que tens? Estás doentinha, hein?

— Não. Não... mas tu me enganaste, hoje, tenho a certeza, Paulo...

— Filhinha, estás louca! Eu, enganar-te? Estive mas foi trabalhando muito para a minha mulherzinha querida...

Madame, mais calma, esboçou um sorriso.

— E não assististe mesmo a alguma fita de Mary Ann?

— Mary Ann?... Si nunca ouvi falar no nome desta actriz...

— Mas, si eu sonhei que estavas no cinema, assistindo a uma fita de que ella era a figura principal... E via tudo como se fosse real... Via-te lá... Não póde ter sido sonho, não!

Uma gargalhada e alguns beijos... e estava terminada a *fita sonhada* de Madame...

Madame Marguerite Long, professora do Conservatorio de Paris e figura já conhecida e apreciada nos circulos musicaes do Rio de Janeiro, vae inaugurar, brevemente, um curso de interpretação no Instituto Nacional de Musica, devendo chegar dentro de alguns dias a esta capital. A illustre «virtuose» franceza vem ao Brasil a convite da direcção do Instituto de Musica.

EM casa o nosso amigo é um homem pacato, morigerado em todas as manifestações da vida, apostolo da moral, etc.

Quando está longe de casa, e das vistas da companheira, tira a mascara de santarrão, esquece a moral e o resto, tornando-se um cynico e vulgarissimo pirata, perseguidor de todas as mulheres que encontra pelo caminho.

Agora, por exemplo, elle anda operando na praia de Copacabana.

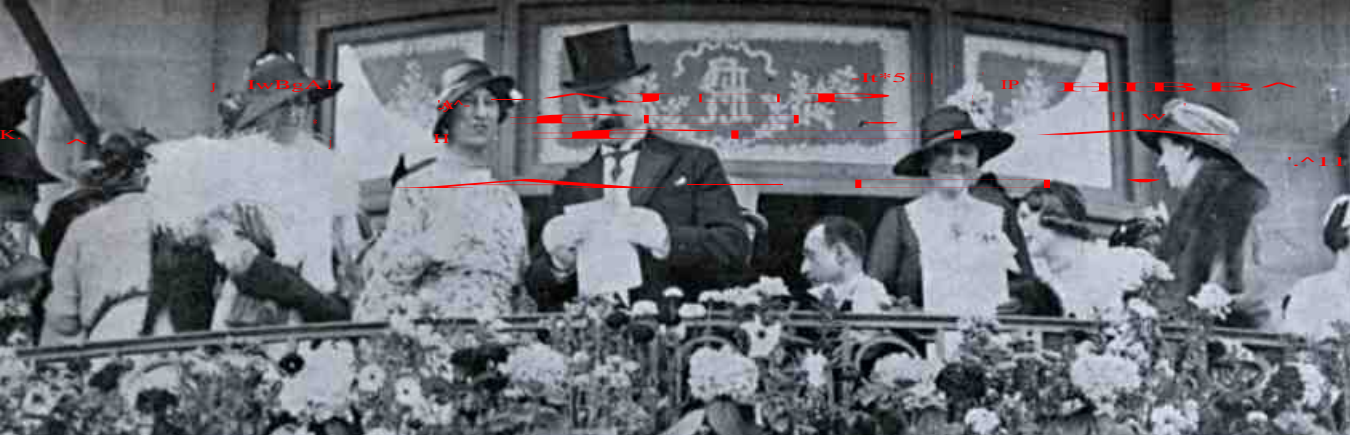
Madame que repare na pontualidade ingleza do marido em correr ao banho de mar...

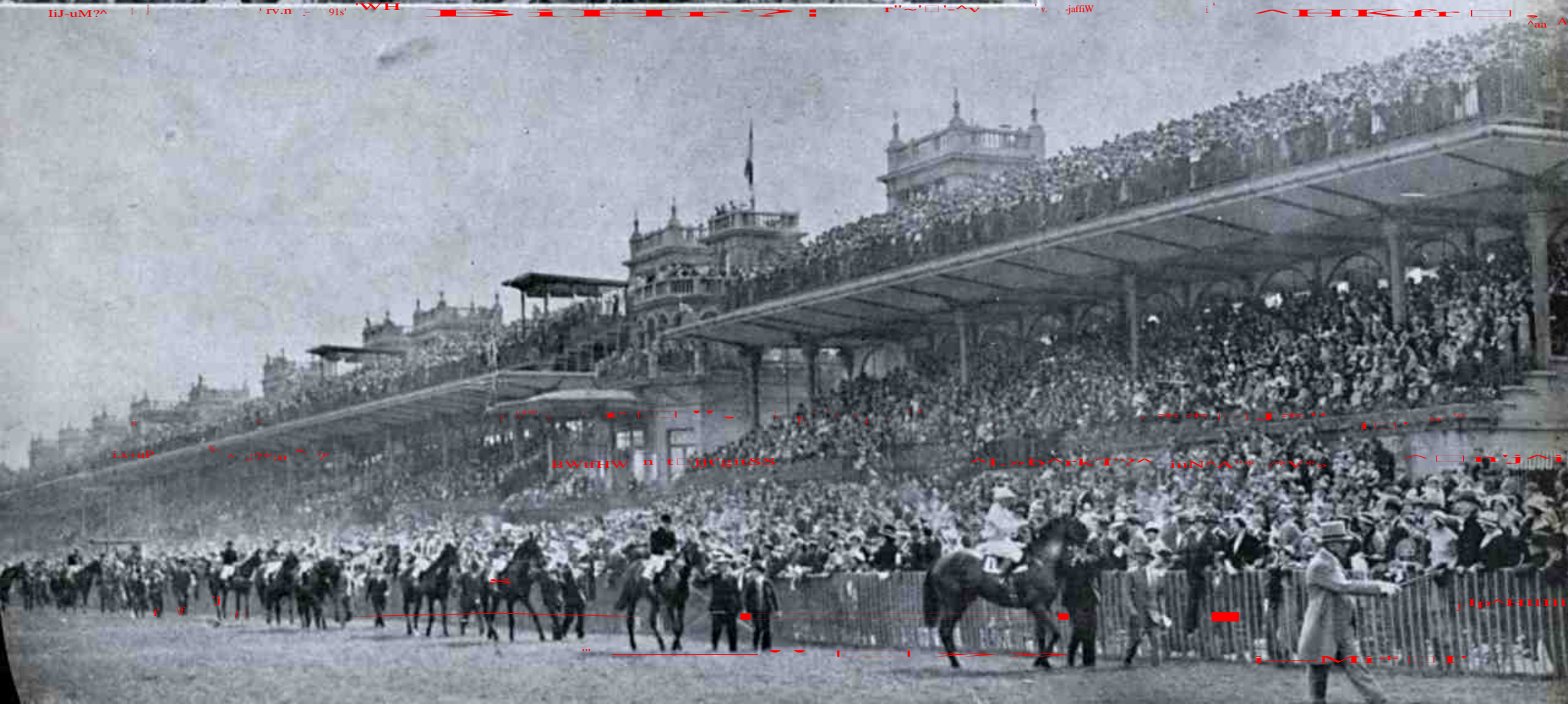
Elle está inteiramente voltado para os prazeres da praia, isto é, elle consagra todo o seu tempo apreciando os *maillots*, dicutindo com os companheiros a belleza das ondinas, e só volta ao lar quando a ultima mulher desapparece das brancas areias de Copacabana...

Madame deve ficar attenta, porque, no andar em que as coisas vão, acaba perdendo o maridinho. Aliás, perder o marido não é lá grande coisa. Mas, os tempos estão difficeis e o nosso amigo parece que tem as *hervos*...

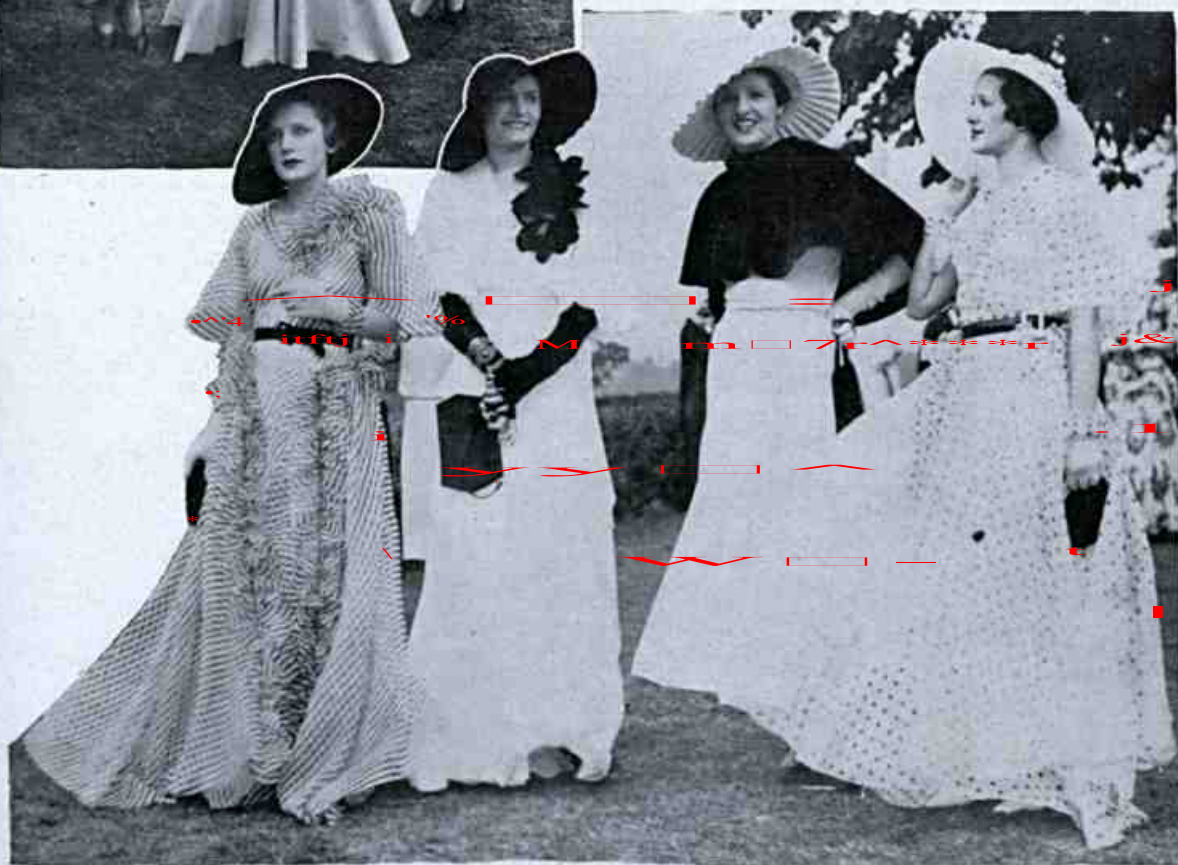
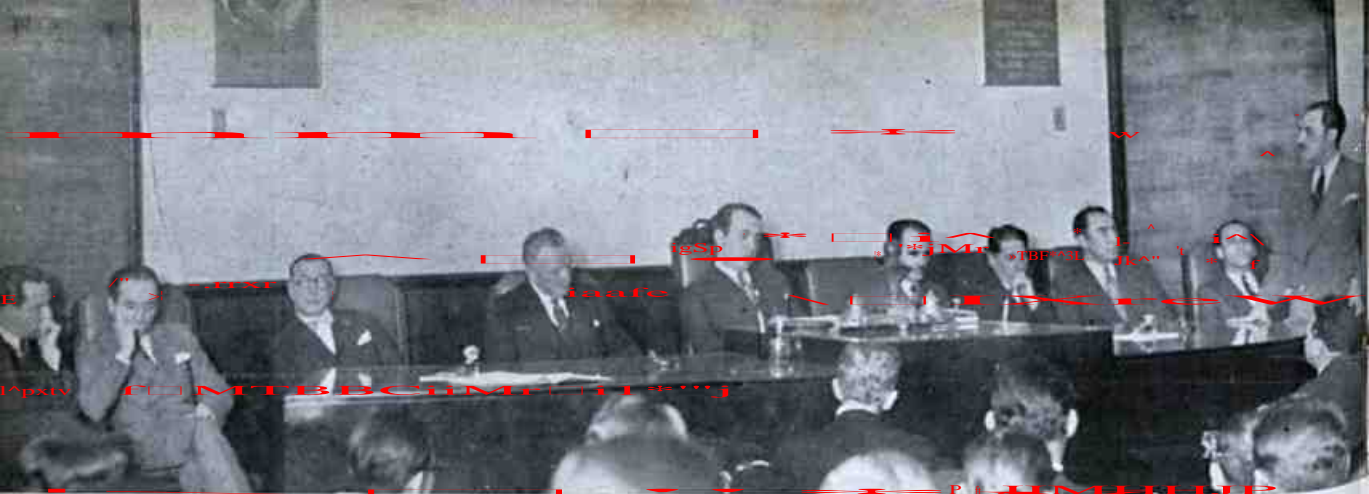
Luiz Cláudio está satisfeito porque a mamã ficou perto do photographo... Luiz Cláudio é filho do casal Albino Rebello Pinheiro.

Grupo de cadetes da nossa Escola de Aviação Militar que compareceram ás exéquias mandadas celebrar, na Candelaria, por alma do nosso glorioso patricio Santos Dumont, fallecido ultimamente em São Paulo.

A Alliança Nacional de Mulheres mandou celebrar segunda-feira ultima, no altar-mór da Cathedral Metropolitana, missa de setimo dia por alma da dra. Elvira Komel, presidente da Legião Feminina Mineira, que acaba de fallecer em Bello-Horizonte.

O presidente da Republica Franceza assistindo, da tribuna de honra, ás corridas do Grande Premio de Longchamps, e um grandioso aspecto das archibancadas, cheias do que Paris possue de mais elegante.

(Photographias do Serviço Especial de FON-FON em Paris).

"FON-FON" EM PARIS

Obteve, este anno, o mais ruidoso successo o Grande Premio de Longchamps, de Paris. Foi um acontecimento mundano da maior repercussão, e a que compareceu a aristocracia franceza. O Serviço Especial de Fon-FON em Paris focalizou aspectos varios e expressivos dessa tarde de grande esplendor e de empolgante elegancia. Num desses flagrantes, apparece o presidente da Republica Franceza, cuja presença no famoso hippódromo muito concorre para imprimir relevo ás corridas de Longchamps. A nossa pagina apresenta as figuras femininas da alta sociedade franceza que desfilaram pelo grande prado de Paris, ostentando os mais modernos modelos de verão.

(Photographias do Serviço Especial de FON-FON em Paris).

O illustre professor G. Marion foi, na ultima semana, recebido na Sociedade Brasileira de Urologia, onde realizou importante conferencia scientifica. O «cliché» acima representa um detalhe dessa visita, tomado na occasião em que o dr. Pinto da Rocha saudava, em brilhante discurso, o seu collega francez, que alli se vê ladeado pelos drs. Rolando Monteiro, presidente da S. B. U., e Brandão Filho.

O dr. Godofredo Tinoco, prefeito de Campos, ao embarcar, naquella cidade, com destino ao «front», commandando um contingente de voluntarios campistas.

•

A RESPOSTA DO CHINEZ

Certo norte-americano assistiu uma feita ao enterro dum chinez em Pekin e ficou surprehendido por deitarem os vivos arroz no tumulo do morto. Intrigado com aquelle rito original, perguntou a um filho do paiz que se achava a seu lado:

— Acreditam aqui porventura que os defuntos comem arroz?

O chim a quem se dirigia era um homem de espirito largo e viajado, conhecia os habitos de outras civilizações e replicou desta sorte:

— Quando no seu paiz se enterram os mortos e se cobrem as sepulturas de flôres, será porque crêem que elles podem sentir-lhes o perfume?

A NOVA BABEL

As estatisticas de Nova York revelam aos curiosos dados muito interessantes. A'quella Babel de ferro e de arranha-céos chegam quatro turistas estrangeiros por segundo, um emigrante cada meia hora, um trem de minuto a minuto. Faz-se uma prisão de dez em dez minutos e nasce uma criança de dezeseis em dezeseis. De vinte e sete em vinte sete minutos morre uma pessoa e de meia em meia hora ha um casamento, de duas em duas horas lançam-se os alicerces duma nova construcção. Registra-se um accidente no mesmo espaço de tempo. E, emfim, entre dois divorcios medeiam unicamente oito horas...

Commemorando o 10.° anniversario de sua fundação, o 10.° Grupo de Escoteiros do Mar promoveu domingo passado, na séde da Federação Brasileira dos Escoteiros do Mar, interessante festival, que decorreu cheio de brilho e animação.

FON-FON NO CINEMA

ESPOSA IMPROVISADA

Super-producção da PARAMOUNT

com a interpretação de Lili Damita — Charlie Ruggles e Thelma Todd

DURANTE a ausencia do marido, um athleta a quem mais preoccupam os sports que o amor, sua esposa, casada havia pouco, trata de procurar meios de distrahir a sua solidão e o seu aborrecimento. O que lhe apparece mais á mão é um compatriota — essa senhora é norte-americana — em companhia do qual frequenta alguns dos muitos logares que offerece Paris a quantos se sentem necessitados de distracções e a quem o dinheiro não falta. Esse convivio diario produz, como é natural, um intenso amor, mas o amante apaixonado é pobre de recursos, o que pouco importa uma vez que a esposa aborrecida é senhora de pecunia.

Para dar aos novos amores um certo ambiente romantico, resolvem ir dar um passeio a Veneza. Teem tudo preparado, fal-

Não era só uma esposa improvisada...

... era uma esposa verdadeira... e requestada.

Um marido satisfeito.

tando apenas se metterem no trem, quando a fatalidade leva a Paris precisamente quem não era desejado no momento: o marido. A situação não pareceu muito clara ao infeliz marido e as coisas iam tomar um mau aspecto, quando um seu amigo correu a deitar agua na fervura, tirando-lhe do espirito o demonio da suspeita. Para isso, inventa uma historia de uma viagem do amante da mulher com a sua respectiva consorte, viagem para que ella tinha sido convidada. Com a chegada do marido naturalmente a esposa não podia acompanhál-os. Mas eis que o marido enganado se lembra de que realmente uma viagem a Veneza deve ser encantadora, e exige que partam para a rainha do Adriatico. Mas, como encontrar assim rapidamente o amante em perigo uma esposa para aquella inesperada viagem?... Procurando o que desejam, encontram numa alegre pequena do boulevard a esposa para os desapertar daquella entaladela. E faz-se a viagem.

Na encantadora Veneza, a esposa *á la minute* toma muito a serio o seu papel, o que naturalmente irrita a mulher do athleta, que fica louca de ciume. O conflicto surge e a mulher do athleta exige que o amante escolha, ou ella ou a esposa inventada. O caso é grave e o atrapalhado amante não tem remedio sinão obedecer á intimação.

Mas acontece uma outra coisa inesperada: o athleta começa a achar muito interessante a esposa inventada. O falso marido não gosta da situação ridicula que lhe estão creando, accrescida da côrte que um outro seu amigo lhe faz continuamente á mulher.

A esposa improvizada é que fica muito aborrecida com aquella embrulhada, e resolve regressar a Paris. Mas, quando ella procura realizar o seu intento, o Amor resolve fazer uma das suas: o amante da mulher do athleta reconhece que, afinal, aquella esposa do acaso o prendeu bem nos seus encantos e pede-lhe que se case com elle. Um grande beijo sella o consentimento.

Elle tomava o papel a sério.

Ella seria capaz de o regenerar.

PIRATAS DO AR

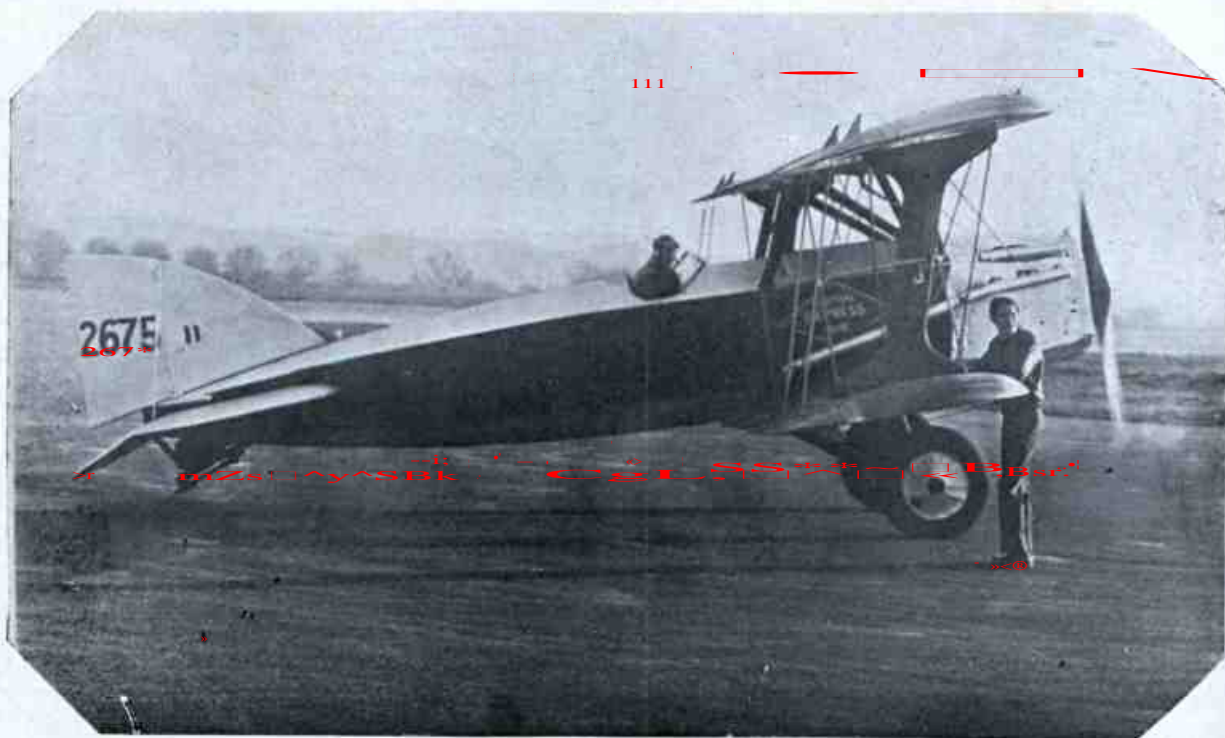
Producção da Columbia Pictures

com a interpretação de LLOYD HUGES, MARCELINE DAY, WHEELER OAKMAN, WALTER MILLER, EMERSON TREACY e KID GUARD

Uma victima do esquisito aventureiro.

BOB ROGERS é um corajoso e hábil piloto da Companhia Expresso Aereo e ama Grace Divine. Os dois brigam por causa do fraco de Bob pela bebida. Bob, para afugentar suas tristezas, abusa da bebida antes de iniciar uma viagem aerea em uma noite tempestuosa.

Entrega a direcção do aeroplano a Jimmy, irmão de Grace, rapaz que ainda não se encontra bastante habilitado para taes manejos. Ha um desarranjo no motor e o aeroplano vem abaixo. Fica Jimmy seriamente machucado. Bob assume toda a culpa do desastre e toma um velho aeroplano para uma viagem sem destino.

Vae cahir no Mexico, onde encontra Kelley, um antigo aviador, que faz parte agora de um grupo de bandidos. Depois de acceitar a offerta de Kelley

Eram os terriveis piratas do ar.

para ser aviador do bando, Bob fica sabendo que elles vão atacar um expresso aereo carregado de valores. Quando Bob, dirigindo o apparelho, se recusa a proseguir na direcção indicada, ha uma briga no aeroplano e elle consegue escapar descendo em para-quedas.

Desce no campo de aviação da Companhia, e alli se emprega de novo como mechanico, até que possa conseguir a sua licença de aviador. Willard, o novo gerente da companhia, é o chefe do bando. Bob é encontrado por Kelly, que o torna seu prisioneiro. O rapaz ouve a conversação sobre outro ataque ao aeroplano em que Jimmy está viajando. Bob tenta escapar, e o consegue, chegando entretanto muito tarde ao campo de aviação. Jimmy já havia partido. Willard e seus sequazes partem num aeroplano e voando em direcção ao logarejo que esconde os bandidos no deserto. Bob pede auxilio á aviação do exercito. Surge um aeroplano com metralhadoras. Bob, para salvar a moça, foge num aeroplano do bando e é atacado pelo aeroplano do exercito, cujo piloto acredita ser aquelle a aeronave dos bandidos. O apparelho fica seriamente damnificado. Estão a grande altura. Willard, que se encontra tambem alli, recebe algumas balas e tomba mortalmente ferido. Bob e Grace atiram-se do mesmo, amparados por um para-quedas.

Era um amôr puro!

O QUE SE DEVE SABER

O CULTO DA PROPRIA RELIGIÃO

Grande numero de cidades americanas, outras muitas da Europa, como Paris, Londres, Berlim, etc., contam com uma densa população de estrangeiros de diversos paizes e de differentes religiões que não podem praticar as que professam sem o concurso de um sacerdote que falle o idioma delles ou seja seu compatriota.

Já os ukranianos e os polacos residentes nas duas Americas teem pastores da sua raça e da sua lingua; os flamengos que habitam a França dispõem tambem de capellães do seu paiz.

Segundo as estatisticas officiaes, o numero de estrangeiros residentes na capital da França é de 238 mil aproximadamente. Na realidade a cifra exacta se eleva ao dobro, pois os belgas, hespanhoes e italianos persistem em declarar no censo sua qualidade de estrangeiros. Muitas dessas colonias constituiram de ha tempos, uma especie de pequenas parochias em cada uma das parochias francezas, denominadas missões.

A missão hespanhola, patrocinada pelo rei Affonso XIII, era regida por seis sacerdotes hespanhoes.

Todas estas instituições teem hoje vida intensa.

Na missão botanica se agrupam uns 4 mil inglezes, escossezes, irlandezes e norte-americanos, de passagem em Paris ou ahi estabelecidos.

Outra missão, a belga, é dirigida por sacerdotes da diocese de Gant. Na prefeitura do Sena acham-se inscriptos 88 mil belgas. Existem ainda a missão italiana, com uns 50 mil membros, a polaca e varias outras, inclusive a dos chinezes catholicos, apenas iniciada.

Os distrahidos

A distracção é attributo dos homens geniaes, segundo a opinião popular, que os factos nem sempre confirmam. Comtudo, sabe-se que os mathematicos, os astronomos, os poetas dão maior contribuição ao numero de distrahidos e enriquecem as chronicas de engraçadas anecdotas. Que a distracção fizesse as suas victimas na diplomacia é mais estranho.

Pois, um que é typo classico do distrahido é o professor Otto von Wiedfeld, embaixador allemão nos Estados-Unidos. Dirigindo-se a Washington, narra o Temps, esse estranho diplomata usou todas as praticas protocolares para a audiencia de apresentação de credenciaes ao Presidente Harding; mas eis que, no dia, a visita não se poude realizar: Wiedfeld havia esquecido em Berlim as cartas que o acreditavam.

As distracções de Wiedfeld são legendarias na Allemanha. Antes de entrar na carreira diplomatica, elle era professor de Universidade. Um dia, entrando na aula, retirou do bolso um pacote e disse aos alumnos:

— Trouxe um exemplar interessantissimo de lagarto para estudarmos juntos.

Mas qual não foi o espanto dos rapazes quando, abrindo o pacote, appareceram alguns "sandwiches"!... O proprio professor surprehendeu-se vivamente:

— E' extraordinario! — disse elle. — Tenho a certeza de havel-os comido ao almoço...

Não se sabe, pois, si elle comeu o lagarto...

Novidades Literarias da Europa

Abel Bonnard vem de ser eleito para a Academia Franceza. Essa nova ha de encher de contentamento o mundo das lettras brasileiras, onde conta elle grande e sinceras sympathias. Realmente, o Brasil muito deve a esse illustre escriptor francez, um propagandista acerrimo do Brasil e das coisas brasileiras. A Livraria Flammarion, aproveitando o ensejo da eleição do grande escriptor, vem de lançar uma nova edição do livro que mais successo trouxe ao novo academico — *Ocean et Bresil*, que é um verdadeiro poema sobre a nossa terra. Que excellente propaganda para o nosso abandonado paiz!

A Grammatica da Academia Franceza, lançada com enorme successo ultimamente, tem sido motivo largo de pilherias e de criticas de todos os cantos da França. A semana passada appareceu mais um livro assignalando e combatendo fortemente a publicação da Academia Franceza, sobretudo pela importancia de seu autor, que representa um inimigo respeitavel. "Observations sur la grammaire de l'Academie Française" é o titulo desta obra que causa escandalo, que martyriza enormemente os illustres immortaes, e seu autor é Ferdinand Brunot, membro do Instituto, professor de historia da lingua franceza, e "doyen" honorario da Faculdade de Letras de Paris.

Tolstoi continúa ainda a ser motivo de uma serie immensa de obras de critica e de estudos biographicos. Ultimamente, quatro obras foram lançadas em Paris, sobre o apostolo de Isnaia Poliana. A Livraria Plon, com grande habilidade, afim de responder a toda a critica ou estudo, mais ou menos collocados sob um ponto de vista pessoal e erroneo vem de lançar *Memorias da Condessa de Tolstoi*, dois excellentes volumes em que a esposa do grande escriptor assignala "jour á jour" toda a vida e transição de caracter do grande apostolo de "Guerra e Paz".

Em França, o livro baixa de preço dia a dia, o que facilita enormemente a sua divulgação. E o extraordinario é que são os proprios editores que procuram todos os meios para facilitar essa baixa, proporcionando admiraveis edições a preços reduzidissimos. Ainda agora, a casa editora Flammarion vem de lançar uma nova collecção que obtém enorme successo, custando o volume 3 francos e 75 centimos (menos de 2 mil reis), composta de obras de grandes escriptores. 4 volumes, já esgotados, appareceram: *Le Fort de Vaux 1916*, de Henri Bordeaux, da Academia Franceza; *L'Imperatrice Eugenie et sa court*, de Octave Aubry; *Deux combats navals*, de Claude Farrere e Paul Chack; *Marie Antoinette à Versailles*, de Pierre Nolhac, da Academia Franceza.

No dia 29 de agosto corrente, Maurice Maeterlinck completará 70 annos de idade. Segundo um jornal belga, o rei Alberto vem de decidir que nessa occasião dará ao illustre escriptor o titulo de Conde de *Maeterlick*.

Acaba de ser inaugurado em Marselha um monumento ao grande poeta provençal Frédéric Mistral, que foi um amigo e admirador sincero de D. Pedro II.

BRICIO DE ABREU

Livros que acabam de apparecer

- «Les Renards», romance, de Abel Hermant. (Albin Michel, editor).
- «Tobie et Lnage (Mandchurie, 1931)», de Benson. (Plon, editor).
- «Carnets de Gallieni». (Albin Michel).
- «Au pays du Roman», de Edmond Jaloux. (R. A. Corrêa, editor).
- «Les papiers de Stressemann», tomo II. (Livraria Plon, editora).
- «D'un coin a l'autre», de Ivanove Guschenson. (R. A. Corrêa, editor).
- «Tali-Tifo», la decolorée, romance, por F. Duchene. (Albin Michel).
- «U. R. S. S. Sans Passion», por Marc Chadurne. (Plon, editor).
- «Petite Contesse», romance, por Mme. Du Veuzit. (Tallandier, editor).
- «De Bismarck a Poincaré», por R. Recouly. (Editions de France).
- «Une lampe sur la marche», por Mlle. Davet. (Plon, editor).
- «Le rajeunissement de la politique». R. A. Corrêa, editor).
- «La couronne d'epines», romance, por Pierre Villetard. (Ferenczi, editor).
- «Le roi de Babylone», romance, por Stevenson. (Tallandier, editor).
- «L'avenir du christianisme», por Albert Dufourcq. (Plon, editor).
- «Le classicisme des romantiques», por Pierre Moreau. (Plon, editor).
- «La contagion sagrée de Rousseau de 1778 a 1820». por Kusill. (Plon).
- «Francis Thompson», por Agnés de la Gonce. (Plon, editor).
- «La marchande de couronnes», historia, por E. Henriot. (Plon, editor).
- «L'île en transe, Bali», por Claude Eylan. (Plon, editor).

Escriptores e livros

Théo-Filho — A ILHA SELVAGEM — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 1932 — 5$

AUTOR de uma série de livros lidos sempre com agrado, Théo-Filho escreveu um romance historico, genero ingrato, e que actualmente está em moda. Théo-Filho conquistou publico, justamente pelo brilho scintillante das suas chronicas de viagem, pelos seus contos mundanos, e pelos romances de gosto francez. A sua penna feria ao de leve os casos de todos os dias, para um sorriso pontilhado de ironia, e na graça do commentario, na subtileza psychologica residia o segredo da sua victoria.

Mas, talvez para uma exhibição erudita, para mostrar uma nova modalidade do seu espirito de escriptor, deu-nos a conhecer *A ilha selvagem*, um romance de innegavel valor, embora de leitura fastidiosa. No pó dos archivos foi buscar o autor os vocabulos esquecidos pelo tempo, com a premeditada intenção de lances historicos em grande estylo. Um episodio das descobertas portuguezas, o encontro de um ambiente, uma caravella, duas figuras em busca de aventuras, Pero Fernão Barroso e Affonso Sanches, um assassinato, e depois o drama das selvas pintado pela imaginação quente do escriptor. Si o enredo é bello e bem trabalhado pelo autor do romance, o excesso de vocabulos archaicos por fim fatiga a memoria dos leitores. Não importa esta circumstancia, nem della nos servimos para de qualquer modo restringir a nossa admiração pelo esforço de Théo-Filho, que acaba de escrever um grande livro, completo no genero.

C. da Veiga Lima — MARIA ELEONORA — Edição Pongetti — Rio — 1932

VEIGA LIMA com o presente volume, offerece ao publico o 2.º episodio de *Veneno interior*, o romance que assignalou, para o seu autor, uma esplendida victoria. Obra meditada, obra de philosopho e de esthéta, *Maria Eleonora* tem o mesmo encanto do volume anterior, consagrando Veiga Lima, que nitidamente se destaca no grupo dos nossos melhores prosadores.

O autor escreve para uma *elite* que cultiva o espirito como o mais suave prazer da vida, e por isso a sua arte é pura na plenitude da belleza, distanciando-se da factura commum dos escriptores que mantêm um nivel deploravel de linguagem.

Veiga Lima herdou as qualidades do espirito gaulez, penetrante, fino, magnifico, e domina pela vivacidade das idéas, como creador de symbolos, impondo-se deante da critica isenta de paixão.

Baroneza Orczy — A LIGA DO PIMPINELLA ESCARLATE — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 1932 — 5$

AINDA acerca do mysterioso personagem da Revolução Franceza, escreveu a Baroneza Orczy mais um volume que interessa vivamente o leitor. O volume faz parte da apreciada collecção *Para Todos*.

S. S. Van Dine — O CRIME DA CANARIA — Liv. Globo — P. Alegre — 1932 — 5$

MAIS um volume da *Collecção Amarella*, traduzido do original *The Canary murder case*, sensacional romance de Van Dine. No genero policial, mysterioso, é dos melhores da série publicada.

Mary R. Rinehart — O MISTERIO DA ESCADA CIRCULAR — L. Globo Porto Alegre — 1932 — 5$

É a historia de uma solteirona que um dia, perdendo a cabeça, desertou do lar, alugou uma casa de campo e, sem saber como nem porque, se viu envolvida nas malhas de um crime mysterioso. Um volume interessante da *Collecção amarella*, muito bem traduzido do original *The circular staircase*, pelo sr. Erico Verissimo.

NOTAS DE ARTE

MANUEL BERTHOLD. — Na Escola Nacional de Bellas Artes, em a tarde de 30 de julho, visitámos a exposição do pintor francez Manuel Berthold. 40 quadros, de que a maioria retratos.

A impressão immediata é de que se trata de um mestre da arte. Manuel Berthold revela-o na perfeição do desenho, na distribuição das côres, no movimento e na vida das scenas e figuras. Sob qualquer desses aspectos, não se nos depara um só trabalho que se possa apresentar como excepção. Mas no meio delles alguns, mais do que outros, nos emocionam.

Em primeiro lugar, o retrato do *Dr. Pedro Ramirez* (n. 5), notabilidade da eloquencia uruguaya, que o pincel do artista reproduziu com tal expressão de verdade que se tem a illusão de estar a ouvir o tribuno. Depois, *Senhora C.* (n. 17), artista lyrica parisiense, que se vê em postura dupla, de perfil e de frente, ostentando a belleza da espadua, directamente contemplada, e a belleza do collo e a belleza do rosto, que se admiram reflectidas no espelho onde a retratada se mira... Em seguida, *Senhorita Lily de Alvarez* (n. 16), cujo sorriso tem tal poder communicativo que a gente ao vêl-o, sem querer sorri tambem... Logo após *Filles de Hollande* (n. 1), idealização viva de um momento domestico em casa hollandeza, e onde se não sabe que mais admirar se a exactidão com que estão reproduzidas cousas e figuras, se a scena em si mesma, tal a vida que flue do quadro. Assiste-se á scena: toma chá a familia; a dona da casa acaricia o cão familiar; moças, na attitude natural de convivas de um repasto caseiro, contemplam a intimidade, o colloquio mudo do cão e da senhora, e sorriem expressivamente; emquanto, a um canto, encostada a um movel, com o rosto occulto, parece chorar enciumada uma criança, talvez o filho da senhora... Finalmente *Au dessein* (n. 3), tela palpitante de verdade e de vida, onde nos surprehende maravilhoso effeito de luz; parece que o quadro está ardendo: duas figuras de mulher contemplam enlevadas um desenho, emquanto uma claridade forte, de luz intensa, sobre ellas se derrama...

Dous outros quadros nos causam ainda especial impressão: *La page d'écriture* (n. 26) e *Le Premier devoir* (n. 34).

Notamos que o artista idealiza com muito carinho as figuras infantis. São particularmente bellas as que constituem a maioria dos *Pequenos Estudos* (ns. 35/40).

Não esqueçamos afinal o retrato do Dr. *Luiz Alberto de Herrera*,

Politico uruguayo, a cujo lado figura um cão de tal modo pintado que parece mais vivo do que se vivo fôra; e a cópia da tela Le deux amis, representando um menino ao lado do seu cão, cujo original premiado como varias outras obras do autor pelo Salon de Paris, foi adquirido pelo Museu de Luxemburgo.

Mostra-nos toda a pinacotheca Aposta que a arte de Manuel Berthold não está contaminada pelo virus mortal dessa cousa que se chama futurismo e que não é senão o mais velho, o mais remoto dos sadismos. Por isso mesmo dá-nos emoções da melhor arte, a obra plastica do mestre francez.

DELIA COLL. — Da Companhia Franceza de Comedias Gaby Morlay apenas nos foi dado assistir a um só espectaculo, o vesperal de 28 de julho, em que foi representada a peça de Bernstein — Le Secret.

Como a personagem central é Gabriela, e Gabriela foi Mlle. Delia Coll, com esse nome baptizamos esta chroniqueta.

Certo todos os artistas encarnaram com mais ou menos mestria os seus papeis, todos concorreram para o bello exito da representação. Mas é de assignalar que, secundarias em relação á primeira personagem, nem por isso deixaram de figurar, com interpretes, no primeiro plano Maurice Jacquelin e Maurice Dorléac nas respectivas caracterizações de Constant Jannelot e Denis le Guenn.

Mlle. Gaby Morlay não nos impressionou como esperavamos ser impressionados. Naturalmente a falta deve ser da nossa e não da sensibilidade da artista, dado o prestigioso nome de que goza na scena franceza. Pareceu-nos no emtanto que não revelou na figura de Henriette Hozleur as grandes qualidades que a critica lhe reconhece. Pelo menos não as percebemos.

Mlle. Delia Coll appareceu-nos actriz de primeira ordem. Bella voz, bella figura, sobriedade de gestos e attitudes; dicção perfeita. Viveu sem esforço toda a singular personagem de Gabriela Jannalot. Soube encarnar — *la conscience dans le Mal* — do verso de Baudelaire, que serve de epigraphe á peça de Bernstein. Foi de magnifico effeito artistico, de bello exito plateal a confissão da pobre victima de uma enfermidade psychica, que a faz ciumenta, invejosa da felicidade alheia, quando não é ella mesma, a origem dessa felicidade: *E'comte Constant... Constant, je ne suis pas la femme que tu imagines...* O publico comprehendeu e applaudiu com enthusiasmo.

Com esta ou aquella restricção, a verdade é que foi bello successo, a representação de *Le Secret* pela Companhia de Gaby Morlay.

O S C A R D' A L V A

O ADMIRADOR DESCONHECIDO

RAMONA preparava-se para sahir, quando o telephone tocou em cima da pequena mesa de cedro.

— Oh, que amolação! Quem póde telephonar a esta hora? Alô! Alô!... Vou chegar tarde... Alô!... Sim, sou o senhor Lowinsk... Sim, a senhora Lowinsk... sim... Como?... Oh!...

Ramona desligou o telephone com um movimento tão brusco, que o apparelho ameaçou cahir.

— Ainda! Isto é insupportavel! Quem será o imbecil? Duas horas. Suzana está á minha espera. Vou tomar um taxi.

Um quarto de hora depois Ramona chegava á casa de sua amiga.

— Bôa tarde, querida.

— Bôa tarde, Suzana... Cheguei tarde.

— Oh, não! Pedi-te que viesses um pouco mais cêdo para conversarmos.

— Sim, mas é dia de teu anniversario,..

— Ninguém virá antes das trez. Tira o chapéo... Senta-te. Que ha de novo?

— Querida: uma coisa inaudita, estúpida... Ha trez dias que um desconhecido me chama por telephone, pergunta si sou eu mesmo e depois me diz: "Amo-te!"

— Simplesmente?

— Sim. E depois desapparece.

— Não reconheces a voz?

— Absolutamente! E nem procurei tentar reconhecêl-a. Deve ser uma pilhéria...

Suzana reflectiu um momento e disse:

— Quem sabe!

— Oh, estcu certa! Porque não ha ninguém que confie ao telephone palavras tão confidenciaes...

— A.gum tímido, que não se anima a falar-te ou a escrever-te.

— Mas eu o conheceria, ou suspeitaria de alguém.

— Isso não é certo.

— Emfim, quem póde ser?

— Reflecte. Observa.

— Perturbas-me.

— Si fosse alguém que quizeses divertir-se, não insistiria tanto...

— Póde ser.

— Não disseste nada a teu marido?

— A Henrique? Ciumento como é!

— E' original essa maneira de fazer a côrte.

— Qual côrte!

— Para mim, é algum admirador.

— Mas quem? Não imaginas como me intriga essa incógnita.

— Evidentemente, comprehendo-te... e quando alguma coisa nos intriga a nós mulheres... E' agradavel a voz?

— Sim. Bastante harmoniosa.

— Que idade lhe dás?

— Oh!... Por telephone...

— Póde-se perfeitamente avaliar.

— Não sei... Trinta e cinco... quarenta annos.

— Deve ter menos. E' um meio que escolhem os moços particularmente.

— Meu Deus, serei alguma bôba! Quizera saber si não é Sérgio Darval.

— Está em Londres.

— Então o pequeno MItry.

— Oh, não é tão fino para isso!

— E' preciso que o adivinhe... E' estúpido pensar que um homem que não conheço me ama e se diverte intrigando-me.

A campainha da porta interrompeu a conversação.

— Chegam minhas amigas — disse Suzana. Avisa-me, depois, o que descobrires.

— Sim sim... Vou ao teu quarto para pôr um pouco de pó.

— Anda. Conheces o caminho.

* * *

— Esqueceu-me!

NO dia seguinte, Ramona não teve occasião de escutar como sempre a voz de seu admirador desconhecido. Um pouco desilludida, pensou:

A's quatro horas resolveu folhear seu carnet de endereços, afim de procurar identificar o desconhecido. A criada entrou dizendo:

— Um senhor pergunta pela senhora.

Ramona respondeu bruscamente:

— Não estou!

E depois, rapidamente:

— Que aspecto tem?

— Muito bom, senhora.

— Como se chama?

— Aqui está seu cartão.

— Não mo podes ler?

Sobre a cartolina brilhante, a empregada leu:

— Frederico Pertuiset.

Ramona estremeceu... Frederico Pertuiset... Um flirt um pouco velho, mas que se mostrára sempre tão apaixonado por ella... Por que a vinha visitar hoje?...

— Dize a esse senhor que espere um momento, que vou já recebêl-o.

— Sim, senhora.

Ramona passou o lapis pelos labios, sorriu deante do espelho, alisou seus cabellos e se dirigiu para a sala.

Um homem, de cerca de trinta annos, que examinava os quadros, voltou-se.

— Bôa tarde, Frederico — disse Ramona, estendendo-lhe a mão. — Que feliz casualidade!

— Não é uma casualidade. Volto de uma longa viagem para vêl-a e saudál-a.

Quando ouviu essa voz, Ramona teve um estremecimento. Indicou um sofá a Pertuiset e perguntou:

— Ha muito tempo que está de volta?

— Apenas oito dias. Quiz falar-lhe por telephone, mas nunca pude obter a communicação.

— Verdadeiramente? — exclamou Ramona, scéptica.

— Digo-lhe a verdade. Seu numero é Central 28-39?

— Exactamente. Estou muito contente de revêl-o.

— E eu tambem. Imagine...

E Frederico contou sua partida de Paris, sua longa estadia no estrangeiro, e quanto mais falava elle, mais Ramona reconhecia plenamente a voz de seu admirador anonymo.

— Não me esqueceu?

— A prova...

— Sim, a cortezia. Mas você tinha por mim, antes, outro sentimento, outra especie de...

— Oh, não me esqueci! Amo-a sempre.

— Repita-o...

— Amo-a...

— Oh, sim, é elle!...

— Que diz?

— Sei que você é sincero... Mas, por que usou esse meio?

— Que meio?

— O telephone.

— Nunca consegui a communicação.

— Frederico, por favor, não o occulte mais.

— Mas...

— Você fez meu coração pulsar...

— Ramona, explique-se...

— Para que?... Eu sei que é você o homem que me ama em segredo.

— Deixe-me que lhe faça apenas uma censura. Por que não me escreveu durante sua ausencia?

— Escrever-lhe o que?... Coisas banaes... Seu marido podia abrir a carta... Para que? Eu pensava em você... Amava-a em silencio e, desde meu regresso...

— Sei-o... sei-o! Oh, meu amigo! Que attenção tão delicada!

Frederico abraçou-a sem que ella pensasse em resistir-lhe.

— Si você soubesse como eu esperava este momento!

— E eu, como procurei seu nome!...

— Meu nome, por que?

— Psiu... Não fale... Sim, será melhor... Você tem razão... Repita-me que me ama...

— Amo-a...

— Oh, sua voz! Essa voz que abrandou meu coração...

E offereceu-lhe os labios.

Frederico ficou quasi toda a tarde com Ramona. Fizeram mil projectos para ver-se e nunca mais se abandonarem. Eram seis e meia quando Pertuiset partiu para não encontrar-se com Henrique Lowinsky.

Ramona, ao ver-se só, se estendeu languidamente em um divan. Era feliz. Descobrira o mysterio do desconhecido e sentia-se amada.

O telephone, tocando, arrancou-a do esquisito torpor.

— Alô! Alô!... Quem é?... Oh!

O "amo-a" diario acabava de ser pronunciado pela mesma voz... e não era a de Frederico!

Ella insistiu:

— Alô!... Quem é?... Sim, estou ouvindo... Henrique, você? Um dos seus amigos? Por indicação sua?... Oh, você é estupido!... E' idiota!

Ia desligar, quando, sorrindo, ajuntou:

— Não, não estou aborrecida... Mas, sabe? Você não podia arranjar outra brincadeira? Que engraçado!

RAYMOND GENTY

A RIQUEZA DE LEXICO DOS ESCRIPTORES

Por occasião de uma solennidade celebrada na Comedia Franceza em honra de Molière, um escriptor exhumou algumas das criticas que se fizeram sobre o excellente Jean Baptiste Poquelin, que tem sido julgado por numerosos autores contemporaneos.

Uma das principaes accusações que lhe foram feitas era a referente á pobreza a seu lexico que, segundo os mais autorizados verificadores, nunca ultrapassou a cifra de mil palavras. Seus defensores para mais exalçar os meritos de seu idolo, allegavam, então, este detalhe em seu favor, dizendo que, tendo creado tanta riqueza com tão exiguo cabedal de palavras, Molière podia ser considerado um dos maiores prodigios do mundo.

Shakspeare ao contrario: segundo um bibliographo inglez possuia um vocabulario tão extenso que, em todas as suas obras, chegou a empregar cerca de 35 mil palavras differentes.

Seguem-se-lhe, em riqueza de lexico, Cervantes, com 25 mil palavras, aproximadamente e Dante com 13.000.

O referido bibliographo fala tambem da exhuberancia de linguagem de Milton e de Goethe e termina dizendo ter encontrado na Biblia 45 mil vezes a conjuncção and (e).

SOBRE O AMOR

Em amor, a principal razão para não se amar é ter-se amado demasiado. — *La Bruyère.*

•

O amor é o mais orgulhoso dos despotas: é tudo, ou não é nada. — *Stendhal.*

•

Amai!... E' o unico bem da vida. — *G. Sand.*

OS GRANDES ESCRIPTORES E A AMERICA DO NORTE

Na America do Norte ha um grande numero de localidades que elegeram para sua denominação nomes de grandes escriptores da lingua ingleza.

Ha uma que tem o nome de Tackeray; duas, o de Tennison; vinte cidades trazem o nome de Byron; quatro, o de Dickens; trinta chamam-se Milton e nada menos de trinta e quatro, Scott. Ha, ainda, tres Goldsmith e, o que é mais estranho, uma só tem o nome de Shakspeare. No Canadá, ha bem pouco, deu-se o nome de Kipling a uma villa.

TRES CARTAS

A vida tem, por vezes, caracteristicos bastante tormentosos e momentos crueis e enganosos. A' tragedia nossa, que suppomos sempre ser o cumulo dos soffrimentos que possa supportar a especie humana, sobrepõe o Destino outras que, por vezes, levam por completo do intimo da creatura o que o vulgo chama ingenuamente de "gosto pela vida". Em verdade, porém, o "gosto pela vida" é dado unicamente pelo cerebro: só nos julgamos felizes quando os acontecimentos se realizam justamente como desejamos. E, mergulhados no escuro das meditações intrincadas, raro sentimos assim a natureza e a nós mesmos nessa alegria toda physica que é a mais alta manifestação da Vida.

O Destino tem curiosos contrastes. Ha quem diga que o homem faz o seu Destino. Dão-lhe assim um sexto sentido — a previsão. Puro engano. Presentimento, como "prematura" visão sub-consciente de um Destino irrevogavel e completo, occulto á pessoa, como querem os fatalistas, ou aviso sobrenatural, como desejam os espiritas, é absurdo, porque o Futuro não existe predeterminado, infallivelmente, simples e unicamente porque o Futuro não é mais do que o desenvolvimento dos germens do Presente.

Na maior parte das vezes, é falta de analyse o que occorre com as creaturas. Acontece que em entes cuja capacidade comprehensiva é muito limitada, muita coisa não remonta do subconsciente ao raciocinio lucido. Sentem, e não sabem exprimir... e aos que realmente sentem e extravasam o sentimento, elles chamam de "phenomenos"...

Um simples engano e substituição de numeração da rua em que eu moro trouxe a minhas mãos, durante tres annos, os tres curiosos documentos que dou hoje á luz. Curioso colleccionador do que eu chamo de "adubo psychologico", eu — rico e ocioso — dedicava meu tempo a estudar as creaturas, fazendo-as passar pelo filtro de minha sensibilidade, e bem poucas eram assim as que resistiam á suprema prova da purificação radical. Com o resultado dos meus estudos, eu podia assim escolher estados de alma e sentimentos taes, que, armazenados em meu intimo, haviam de, mais tarde, servir para a formação mental do primeiro filho por que eu um dia teria de ansiar. Com o resultado de minhas pesquizas eu poderia effectuar uma "liga" mental, pura, que infiltraria em um cerebro em formação. Não se póde, por certo, com pedaços de cadaveres, formar-se e dar-se depois vida a um corpo que "nunca viveu". Mas é possivel — e este era meu desideratum — apanhar aqui e alli, esparsos sentimentos varios e puros e com elles dar vida e discernimento a um cerebro, e teria assim for-

De LAURO MENDES

(Continúa na pag. seguinte)

mado um espirito ideal, puro, illibado de sentimentos mesquinhos que não tivessem constituido parte integrante da formação da "liga". Eu collocaria na circulação uma moeda de ouro puro, a que certamente o rolar posterior pelos cantos excusos da humanidade perdida e vã tiraria o caracter inicial de obra prima.

Como disse acima, um engano de numeração fez-me destinatario de tres curiosas missivas, onde um homem extravasava, de um dos mais longinquos recantos da terra, um amor infeliz — platonico — porque assim o são quasi todos os amores infelizes, a par da saudade cruciante que assoberba a alma dos flagellados moraes, dos afastados do recanto natal que lhes fôra berço. Recebi, e aqui divulgo, tres cartas, e, com a pressa natural de quem espera noticias, abri a primeira e, lendo-a, fiquei curioso porque presenti que não seria a ultima. Mas a correspondencia terminou com a terceira missiva, porque morreu o seu autor, que, ao escrevêl-a, já fazia prever a degradação moral que o avassalava a pouco e pouco. Separavam as cartas o intervallo de um anno entre uma e outra. E durante tres annos eu ignorei, mergulhado nos meus estudos, que o seu real destinatario residia junto a mim, num abandono feliz de quem não sente as miserias dos outros. Talvez tenha sido melhor o pequenino engano de numeração. Devido a elle, edificou-se um lar, mas creou-se uma desillusão. Rico e ocioso, sonhador e poeta, eu desisti de minha idéa de dar ao mundo um cerebro perfeito. Seria para mim uma mágoa immensa crear a obra prima e vêl-a depois rojar-se aos pés de uma mulher, como se degradára aquelle homem de cuja miseria eu fôra desconhecido espectador. Poderia dar ao meu filho um cerebro perfeito, mas não podia fazer o mesmo com o seu physico. E, depois do dinheiro, a mulher é a roda capital da Vida. E ás mulheres é raro somente agradar o intellecto. Basta o physico de Adonis, e muito raro a união dos dois predicados. O meu filho amaria e soffreria como soffrêra aquelle poeta, desterrado para os confins excusos da Australia selvagem e mysteriosa, seria talvez um outro desgraçado a mendigar o lado mais facil da Vida: o Amor. Elle, o cerebro perfeito, a mysteriosa amálgama de bons sentimentos, soffreria, choraria, roubaria, degradar-se-ia, por um sorriso, por um gesto. Aquella a quem o infeliz chamava, em suas cartas, de "Princeza", num poetico e sentimental torneio de ternura, é feliz hoje, mas tambem não é culpada. Culpado — si o ha — sou eu, unicamente eu, cioso de meus estudos philosophaes, ou então o pequenino engano de numeração de nossa rua. Divulgo as cartas para que ella as leia. Será assim uma homenagem que presto ao cerebro perfeito que eu entravei nas paginas amarguradas do seu infeliz "Diario" de tres annos...

Eis a primeira:

Near Melbourne, 8 de maio de 1929.

"Princeza.

"O negror do inferno para onde me atirou o Destino é bem menor do que o infortunio em que tua indifferença mergulhou minh'alma, quando, aquella vez,— lembras-te? — cravaste em mim o espinho mordente de tua gargalhada ironica. Como fui ridiculo em crer em ti e confiar-te que te havia adorado em silencio, passando, centenas de vezes, por tua frente, sem saber que, artista eximia, tu te regosijavas com o grotesco de minha attitude, tu analysavas friamente o meu pouco attrahente physico, desgracioso attractivo de valor nullo, numa sociedade em que uma bella bôcca vale mais do que um criterioso conceito. Quanto ingenuo fui eu, então! Como me foi suave o somno daquella noite, Princeza! Quão feliz eu me sentia, tendo-te agradado e adorado ser notado, e quão ridiculo fui depois, quando te telephonei descrevendo os detalhes do teu vestido, a impressão que de ti me viéra, suppondo ingenuamente que a cada informação minha tu apreciarias em mim o espirito apurado de observador! Como somos ingenuos, nós homens, quando cremos enganar uma mulher; como somos tolos quando pensamos em preencher com o nosso espirito as falhas de uma natureza prodiga e por vezes trapalhona! Como seria irrisorio atrelar-se uma alimaria sarnenta e gafeirenta a um bello automovel de turismo! O cumulo do grotesco certamente. Agora, que vivo muito longe de ti, num isolamento que a minha hypertensão nervosa me offereceu como o unico refugio para o meu corpo trabalhado pelas emoções da desventura, eu procuro no meu intimo o "porque" passavel de minha attitude, do meu afastamento do mundo, dos meus, de minha patria, o meu desprendimento da mocidade que me sorria radiosa, quando o meu idealismo doentio de menestrel inadaptado viu em ti o amor espiritual e unico e a elle se aferrou. Puro engano. Nas abnegações amorosas, como eu tive, é inutil a luta. O homem commum malfaz ou humilha-se. O altivo mascara a impotencia com a nobre renuncia, e, renunciando, ainda se esforça por uma esperança. Estarei eu neste caso? Muitas vezes um altaneiro "adeus" resolve mais rapidamente uma resistencia tenaz. Mas eu nunca te pude dizer adeus. Amava-te platonicamente, pelo telephone, quando falava comtigo, antes do desencantamento de me teres visto. Atraz de uma voz carinhosa, princeza distante, sempre é possivel estar occulto um bello pagem de olhos formosos e mãos suaves de diplomata. Desappareci, como desapparecem as chrysalidas, com um dia de vida. E hoje acho-me no meio da selva bruta e virgem, sentindo em redor dos meus ouvidos o rugido do tigre ou o collear da serpente. Estou na Australia, onde adeja a ave do Paraiso, onde a garra afiada do tigre ha de levar-me um dia como tem levado tantos infelizes á sepultura. Assim, lembro-me constantemente do dia em que te conheci, naquelle cinema modesto do bairro, quando projectavam um enredo passado nas mattas de Bornéo, onde a perfeição do som captava do "cri-cri" do grillo ao coaxar do sapo, do anseio suave do coração da heroina ao escorregar viscoso da serpente. Eu estava sentado atraz de ti, e apreciava o teu assombro deante do desenrolar de emoções que o cinema te proporcionava. Aquella viagem pelo estreito rio den[illegible] da matta virgem, a toada monotona dos remadores. E depois, bem sabes como fiquei enfeitiçado. Pois, Princeza, inattingivel, estou num ambiente que aquelle mesmo entrevisto na fita, mas, centenas de vezes peor, um oásis no centro da mattaria cerrada, onde a rua principal vae terminar subitamente na selva virgem e bruta.

e o viandante, sahindo do misero resquicio de civilização, vê seu passo subitamente tolhido pelo terror que lhe causa o estalidar da galharia sêcca, sob o formidavel pêso do tigre faminto.

O "burma" que vae levar esta carta ao posto militar mais proximo, para ser posta na mala postal, olha-me de soslaio, ferozmente, como geralmente fazem todos os nativos, num rancor surdo contra o "sahib" que lhes invade os dominios. São escravos infelizes da dominação do mais intelligente. Mas, pudesse ler elle o que eu tão nervosamente traço, e certamente sentiria mais infeliz do que a sua á escravidão a que me reduziu a tua indifferença.

Devo partir amanhã para dentro da matta virgem, numa missão de reconhecimento e em procura de um sanguinario tigre que tem devastado as criações dos plantadores de borracha a que estou radicado. Espera-me talvez a morte, enroscada no cipó traiçoeiro ou na cillada da féra. Mas, qualquer que seja o meu fim, heróico ou maldito, emquanto a loucura não invadir o meu cerebro doentio, terei sempre forças para lembrar-me, saudoso, da minha desgraça, da luz que em tão má hora se infiltrou pela minha vida até então serena e sem accidentes moraes...

Per semper...

M/..."

Quando eu era pequeno, meu pae, orgulhoso de minha insignificante pessôa — o seu primeiro filho — tinha o innocente trabalho de juntar para mim quanta caixa de phosphoro vazia conseguisse. E eu tinha centenas dellas, e divertia-me alinhando-as em filas intermináveis de cem, duzentas, trezentas, encostadas umas ás outras, numa pittoresca formação de combate que me deleitava. E depois, empurrando a primeira, fazia tombar as outras, successivamente, tão apoiadas estavam umas ás outras. E assim somos na Vida. Tão chegados estamos uns aos outros, que o menor sopro do Destino numa creatura faz tombar muitas outras que a ella se apoiavam.

Expandi o meu romantismo latente ao receber a ingênua missiva do infeliz desterrado. Povoaram-me a mente os ambientes pittorescos que eu até então apenas entrevira na tela enganadora do cinematographo, e rebellei-me — não fossem solidarios os homens — contra aquella que assim tão friamente repudiára tão formoso espirito, e resolvi-me a não procurar saber a quem era destinada a missiva porque temi que a "Princeza" fosse augmentar o martyrio do desgraçado comprazendo-se com seu infortúnio. Talvez levasse o seu requinte de vaidade ao cumulo de responder-lhe para avivar uma esperança absurda e impossivel. Não procurei nem mesmo cogitar de verificar a existencia de uma vizinha que tão tragicamente, ou inconscientemente, teria enterrado uma vida radiosa. E, decorrido um longo tempo, quasi um anno, o mesmo engano pequenino na numeração de minha rua poz-me na mão outra carta angustiada. Eil-a:

"Princeza.

"Si tentasse, não poderia hoje dizer e pronunciar a palavra com que começo esta minha carta. Ardem-me os lábios, resequidos de sêde, da devoradora sêde que afflige os que, como eu, se deixam tostar pelo tórrido sol de Marrocos. Fugi do péssimo para metter-me no infernal. Mas eu precisava do silencio e do recolhimento, para poder lembrar-me mais amiude de ti. Uma voz que me chamasse, um carro que rodasse, tudo me fazia mal. Preciso de um fundo silencio, como um nimbo em que minha dôr se esconda, para alli me afogar e me rasgar. Que tem, como eu, a evocação de um grande sonho, quem tudo sacrifica, de joelhos, a uma imagem querida, precisa de pensar ensimesmado num silencio recolhido e profundo como os grandes mares estagnados. Só quem não tiver coração, só quem não tiver sonho não poderá amar a quietude do mundo — tão inspiradora que fez Deus criar a vida, tão impregnado estava de silencio a rodeal-o...

O "cafard" maldito atormenta-me o cerebro em fogo como si férrea tenaz me apertasse as temporas num torniquete infernal. Agora sou apenas um numero, e de ha muito deixei de ser um homem. Sou o 342 da Legião Estrangeira, para onde a França manda o peor de sua soldadesca, e onde se misturam homens de diversos paizes e costumes e sentimentos. Eu já perdêra, com a illusão que destruiste o meu dileito á Vida, e passei a vegetar. Não recorrêra ao suicídio porque nunca abriguei no meu peito a covardia, e não serei nunca um covarde. Sou apenas um exilado amoroso, voluntario e sonhador. E minh'alma — como a Ophelia louca do dramaturgo — andou a colher flores, a dizer canções vagas, plangentes e doces como o murmurejar do rio, emquanto eu me deixo embalar num berço antigo, contrastando com a miséria negra que me cerca, mas bem preferivel á cillada do tigre e ao bote da "bôa" australiana. Daqui, nos momentos raros em que a rude vida militar me proporciona, não procuro, com os outros companheiros de infortúnio, a degradação moral nas cantinas do regimento, nos braços torpes das "aikkans" excusas e baratas. Olho para bem longe. Vejo minha terra, minha casa, a felicidade ingênua do meu lar. Converso com as sombras amadas dos que lá ficaram, e que eu tlavez nunca mais veja. Chamo por tudo que passou: pequenas alegrias, chimeras, amores innocentes, perfis suavissimos, vozes argentinas cantando quando a virtude e a bondade enchiam o meu pobre peito.

Mas, subitamente, o grito guttural do "tuareg" me chama a realidade, e a endurecida voz de commando ordena que lutemos, sem tréguas, sem ideal, por uma bandeira estranha, até a morte. Eis o pago que a França exige para nos admittir no seio de sua Legião de Condemnados, dos desilludidos, que procuram esquecer com a aventura um pedaço torpe da vida, um amor infeliz, um romance gorado ou apenas iniciado e morto no seu nascer.

Alem das paredes do fortim onde vegeta o numero 342, tudo de negro espera a quem apenas te póde escrever. Mais tarde, um senegalez meu amigo, que vae partir em busca de reforços seguirá, levando na patrona, ao trote compassado do camello "mehari", esta carta, que talvez nunca chegue ao seu destino.

(Continúa no proximo numero)

MELINDROSA

(Ao Bastos Portela, a proposito do seu bello livro "Uma "Garçonne" Carioca.")

NÃO havia na vizinhança quem não conhecesse Helena Maria, ou simplesmente Helenita. Conheciam-na como uma esphinge impenetravel. De origem modesta, orphã de pae, vivendo ás custas do suor materno, Helenita dava que fazer á maledicencia, com sua apresentação elegante e faustosa. Não sabiam como uma moça pobre, sem eira nem beira, podia ostentar tanto vestido de seda, tanto extracto capitoso, tantos sapatos finos, tantos chapéos na moda ! A viuva, sua mãe, (*sua* della) tosqueada pelas linguas das comadres como sendo uma alcoviteira, uma relaxada, trabalhava até altas horas da noite, vergada sobre a machina de costura, arrancando o pão-de-cada-dia para o sustento de ambas, porque dizia, o ganho de Lucinha era tão pequeno que não chegava para os seus alfinetes. Quasi não sahia a pobre senhora, além das raras sortidas á missa domingueira, uma vez por outra. Com Helena Maria dava-se exactamente o contrario: ainda cêdo, isto é, ás 10 horas da manhã, vaporosa, taful e perfumada, estava a espera do bonde ou do omnibus que a conduzisse ao centro da "urbs" turbilhonante. Ia, no dizer da mamã compassiva e velhaca, "procurar trabalho"... E lamurienta: "A vida está tão difficil..."

Helenita era o typo perfeito, admiravelmente acabado, da mulher feminista. Quero dizer: dispunha ella, á semelhança dos "films" cinematographicos, de toda liberdade que é dada a um mancebo de vinte annos. Sahia de casa á hora que bem entendia e, por vezes, regressava quando o sol ainda cheio de preguiça se erguia do seu leito, esbranquiçando as bandas do nascente. Com 16 annos de vida, apenas, tinha a larga experiencia de uma senhora mãe de meia duzia de petizes, experiencia essa accrescida de uma dóse consideravel de vicios. Era um typo commum, mas muito attrahente. Desses typos que a gente encontra a meude, ahi pela rua do Ouvidor, na hora do "footing". Cabellos louros ou oxygenados, bôcca pequena e bem feita, bons e bem tratados dentes, mãos macias, unhas exageradamente polidas e as linhas faciaes bem conformadas. Corpo esguio, estatura mediana, andar colleante e vestidos justissimos, que lhe desenhavavam as fórmas com a justeza, a mesma precisão de um "maillot" moderno. Quem a visse passar, assim, airosa e rescendendo a "Gabilla", mãos occultas em luvas de camurça branca chapellinho atrevido, ligeiramente pendido para o lado direito, bôcca desenhada como um coração sangrando, diria sem difficuldade: um enigma.

A's tres horas da tarde, quando olhamos as ma ares de vadia, de ociosa, quando olhamos as casas de chás, os cinemas, as ruas, e encontramos todos esses centros de diversões litteralmente cheios, dando-nos a impressão de que ninguem trabalha, Helenita, displicente e faceira, vagueia de "vitrine" em "vitrine", analysando aqui um novo modelo de "tailleur", lançado por Patou, ali uma nova creação de Bichara, mais além um sapato feito á mão, ultimo figurino de Londres ou de Paris, proprio para "sport" ou para baile.

Para nós, — eu e o possivel leitor, — que somos — como todo mortal que se preza, — curiosos; para nós, que temos o dom de devassar a existencia alheia confrontando-a com os nossos proprios actos, a vida de Helena Maria nada tem de mysterioso ou complicado. Nós sabemos de cór o que ella faz, acompanhamos-lhe os passos

— Tóca um bombom para você e outro para a sua boneca.

— Mas, eu tenho ainda duas bonecas no armario...

De Gilberto Veiga

em casas duvidosas, penetramos onde ella penetra, bebemos do que ella bebe e, quasi posso dizer, fazemos o que ella faz... Podemos resumir a vida de Helenita em simples e bem poucas palavras. Assim, por exemplo: Uma moça com 16 annos, senhora absoluta de sua vontade, sem o menor freio paterno e ainda sem os cuidados, educada muito pela rama, muito rudimentarmente. Que podemos esperar de taes e tão nefastos predicados? Podemos excusar, pois, de dizer que essa flôr de carne e de peccado tinha toda uma avalanche de vicios, advindos, claramente, da liberdade absoluta de acção, da má formação de caracter e da educação. Penso que posso fugir aos detalhes de como Helena Maria entrara pela prrimeira vez numa "garçonnier" e como ganhára o primeiro vidro de extracto e o primeiro vestido de baile. (O leitor, *moralista profundo e penitente*, talvez saiba melhor que eu, essas coisas da vida...)

A mãe da melindrosa, D. Tributina, (coitada) ia definhando gradativamente. O excesso de trabalho a enfraquecia assustadoramente. A filha não lhe podia soccorrer. A remuneração na "escola de tachigraphia" era tão insignificante !... E a velha, até o ultimo instante de sua miseravel existencia, trabalhou para o sustento e o aluguel da casa. Morreu, quasi ao raiar de uma bonita aurora, sozinha, com uma terrivel hemoptise, emquanto a filha "leccionava..."

Helenita, ao voltar, com todos os stygmas do cansaço, advindos de uma noite agitada, passada em claro, chorou. Chorou muito. Talvez uma scentelha de remorso a lhe roer por dentro, a lhe bloquear o espirito...

Dada á velha os sete palmos do esquecimento, Helena Maria não redobrou os seus desregramentos, porque elles não podiam ultrapassar o limite que ella já havia fixado. Apenas, deixou a casinha onde nascêra e, sem mais ninguem a quem obedecer, (porque, note-se, lá uma vez por outra, a velha Tributina chamava a filha ás falas) dormia aqui e ali, sempre envolta em colchas de damasco e, pela manhã, a epiderme de seu rosto faceiro apresentava ainda arabescos dos bordados de fino lavor de fronhas custosas.

* * *

Com o correr dos mezes, a natureza impuzéra a Helena Maria o castigo dos seus erros e déra-lhe a grande licção de sua sabedoria.

Estirada numa cama da Maternidade, Helenita olhava, envolta em roupas muito brancas, muito asseiadas, ao seu lado, uma menina muito corada, um bocado de leite feito carne. Vae-e-vem, com solicitudes de mãe extremosa, a enfermeira, habituada áquellas scenas de mysterio em torno de um sêr ainda em embryão, perguntára á joven progenitora: "Que vae a senhora fazer dessa creaturinha, sangue do seu sangue, carne de sua carne ?..."

Pela primeira vez na sua vida de degenerada, Helena Maria corou de pejo. Dir-se-ia de vergonha da sua filha pequenina. Vergonha da sua ingenuidade de anjo. E, occultando o rosto descorado entre os lençóes alvissimos, de néve, desatou a chorar. Um choro convulso, profundo e sentido. Um choro doloroso, amargo, de mãe que não tem um nome para o filho bastardo. Pela primeira vez na sua existencia de dissolução, esqueceu os perfumes caros, os vestidos de sêda, as mesas floridas e as taças transbordantes de "champagne", para pensar no futuro de sua filha e no erro irreparavel do seu passado negro.

NA IDADE DA PEDRA — *O guarda da bibliotheca* — Não vire as paginas tão bruscamente, homem! Acabas estragando o volume.

O HOMEM DO BEIÇO ARREGAÇADO

(SHERLOCK HOLMES) — POR CONAN DOYLE

(Continuação)

— De haver feito desapparecer mister Neville Saint...

— Mas a accusação cae pela base, a não ser que a classifiquem como um caso de suicidio, observou o inspector, a rir. Sabe o que lhe digo? Ha vinte e sete annos que estou na policia, e declaro que como este caso nunca vi outro!

— Dando-se o facto de eu ser o legitimo mister Saint-Clair, é claro e evidente não ter havido crime e eu achar-me detido illegalmente.

— Se não ha crime, ha um erro, e de gravidade. Teria sido melhor confiar o caso á sua mulher.

— A questão não era minha mulher, mas sim os filhos, resmungou o preso. Deus me livre! O que eu não queria era que elles tivessem que se envergonhar do pae. Meu Deus! Que escandalo! Que hei de eu fazer?

Sehrlock Holmes sentou-se ao pé delle, no leito, e assentou-lhe a mão no hombro, com bondade.

— E' certo que se appellar para um tribunal que julgue o caso, difficil lhe será evitar que elle venha a publico. Por outro lado, se chegar a convencer os graúdos da policia de que não o podem accusar seja do que fôr, verá como se calam os jornaes.

"O inspector Brandstreet, tenho a certeza, tomará nota daquillo que o senhor lhe declarar e submetterá o negocio a quem cumpre, sem recorrer aos tribunaes."

— Deus lhe pague! exclamou o preso, com intimativa. Preferiria a prisão e o proprio carrasco até, a divulgar este meu odioso segredo, que ficaria constituindo um estigma para os meus filhos. Além dos senhores, pessoa alguma neste mundo ficará sciente da minha historia:

"Meu pae era mestre escola em Chesterfield, e ali recebi uma optima educação. Na minha mocidade, viajei, depois fui actor e, finalmente, reporter de um jornal da noite, em Londres.

"Um dia, o meu editor manifestou desejos de reunir uma serie de artigos acerca da mendicidade na metropole e propuz-lhe fornecer-lh'os. Foi d'ahi que partiram todas as minhas aventuras. Tive que arvorar-me em mendigo amador, para recolher os factos que deviam servir de base solida aos meus artigos.

"Eu, lá pelo theatro, como é aliás natural, tinha aprendido a caracterizar-me, e vim a tornar-me, até, um artista neste sentido... Pensei em tirar partido da prenda, pintei a cara e para mover compaixão ao publico, fingi uma immensa cicatriz; adquiri o habito de arregaçar o beiço com a ajuda de um emplastrozinho de tafetá cor de carne.

"Depois, mettido num chinó ruivo e envergando uns andrajos comprados em segunda mão, e adaptados á situação estabeleci o meu quartel general na parte mais animada da cidade, dando-me como vendedor de phosphoros, mas sendo, de facto, mendigo, e nada mais.

"Pelo espaço de sete horas, exerci o officio, e á noite, ao recolher para casa, qual não foi o meu espanto, quando vi que tinha ganho vinte e seis shillins e quatro pence.

"Alinhavei os meus artigos e não tornei mais a pensar em semelhante historia, até que, tendo assignado uma letra á vista, para valer a um amigo,

— Sim. Imaginei isto, num momento de febre.
— Mas... eu... eu... prefereria outra qualquer coisa, concebida quando o senhor estivesse em perfeita saúde.

fui intimado a pagar a somma de vinte e cinco libras. E eu sem saber onde iria desencantar aquelle dinheiro... Eis, porem, que me surge uma idéa. Pedi moratoria ao meu credor, por quinze dias, e prazo egual de licença aos meus superiores, e disfarçado em mendigo, passei os meus dias a pedir esmola na City.

"Em dez dias ajuntei o sufficiente para liquidar a conta.

"Deve calcular que era duro o ir reconcentrar-me numa occupação séria, com um ordenado de duas libras por mez, sabendo eu que podia ganhar outro tanto n'um dia, sem mexer um dedo, e só com o trabalho de bezuntar a cara com tinta, e de pôr o boné no chão, ao pé de mim.

"Travou-se um combate renhido entre a vaidade e o amor ao dinheiro; este, porem, levou a melhor. Renunciei á reportagem e passei a vir sentar-me, sem falhar um só dia, á esquina que eu a principio escolhera e d'onde, graças ao meu rosto macilento, incutia compaixão.

"Neste meio tempo, iam-se enchendo de moedas de cobre as algibeiras. Havia apenas um individuo de posse do meu segredo. Era o dono de uma espelunca em Swandam-Lane, onde eu me recolhia. Sahia de casa todos os dias, logo pela manhã, disfarçado de mendigo sordido, e á noite, transformava-me em homem decente. Pagava com largueza o meu aluguel áquelle homem, um tal Lascar, de modo que tinha a certeza de estar bem guardado o meu segredo. Não quero dizer com isto que todo e qualquer mendigo, em Londres possa ajuntar sempre setecentas libras, por anno, quantia aliás inferior á minha média; mas eu dispunha de um dom muito especial de imitação, e tambem de uma facilidade em improvisar replicas que veio ainda a augmentar com a pratica e me grangeou fama de entidade conspicua em toda a cidade.

"Em torno a mim todo dia, choviam as moedas de cobre e com abundantes pratinhas á mistura e raro era o não recolher duas libras pelo menos.

"A' proporção que ia enriquecendo, a ambição ia-se-me desenvolvendo; aluguei no campo uma casa e casei até sem que ninguem suspeitasse siquer a minha profissão. A minha mulherzinha, coitadinha, sabia que eu tinha um emprego na City, e nada mais.

"Na segunda-feira passada, tinha eu concluido o meu dia, e estava no quarto a vestir-me — por cima da espelunca de opio — eis senão quando, da janella, com grande espanto meu, dou com os olhos em minha mulher parada na rua, a olhar para mim attonita. De espantado, soltei um grito, tapei a cara com as mãos, e num pulo, fui ter com o meu confidente, a intimal-o a não deixar subir a escada, a quem quer que fosse. E' certo que ouvi, lá em baixo, a voz de minha mulher, mas bem sabia que a não deixariam subir lá acima.

"N'um revés de mão, despi o meu fato de pessoa fina e embrulhei-me nos meus andrajos de mendigo, lambuzei a cara e enfiei na cabeça o chinó. A minha propria mulher não me conheceu, disfarçado daquella maneira. Occorreu-me então, que era possivel lembrarem-se de revistar os quartos e que o meu fato me denunciaria. Arremetti para a janella com sentido de a abrir, e com a precipitação, fiz sangrar um golpe que eu déra aquella manhã ainda. Depois, deitei mão ao collete, lastrado com o dinheiro em cobre, com que eu lhe atulhara os bolsos, e atirei-o pela janella fóra, e lá se foi sumir nas aguas do Tamisa. O restante fato haveria tido a mesma sorte se, acto continuo, não houvesse invadido o aposento uma chusma de guardas de segurança. D'ali a segundos, e com grande allivio para mim, confesso, achava-me, não identificado a mister Neville Saint-Clair, mas sim capturado na qualidade de assassino. E nada mais tenho que lhes expor. Estava resolvido a manter o meu disfarce, e dahi o não ter eu limpa a cara. Conscio das ancias em que se acharia minha mulher, entreguei o meu annel ao Lascar, num ensejo em que nenhum dos guardas tinha os olhos em mim, e duas linhas a affirmar-lhe que não havia motivo para se assustar.

(Continua na pag. seguinte)

O radio: — Alimentem-se de peixe... o alimento mais completo... Alimentem-se de peixe!...

O EXAME DE JOSETTE

DE J. A. TORRES BANDEIRA

A velha Faculdade estava repleta de candidatos á matricula.

Era dia de exame vestibular. Os pretendentes deviam ser examinados em linguas.

O primeiro chamado, foi Josette.

Josette era uma mocinha de nariz arrebitado, revolucionaria até a medula e convencida até o extremo. Tudo ella sabia melhor do que os outros.

Si os examinadores lhe perguntavam qualquer coisa e a resposta não lhes satisfazia, elles é que estavam errados, porque Josette se julgava infallivel.

Conheciam-na e temiam-na.

Josette sentou-se deante da banca, apparentando calma e conhecimento do assumpto.

O presidente deu-lhe um trecho para ler e traduzir.

Leu-o. Leu-o com a pronuncia mais detestavel que é possivel imaginar.

— Agora, traduza — disse-lhe um dos membros da banca, typo perfeito de americano, conhecido como excellente professor de inglez e não menos como approvador.

— Estou muito nervosa, doutor. Nunca fiquei assim, mas é verdade.

— Isso é desculpa de quem passou o anno em bailes, em cinemas, em...

— Perdão, doutor; passei o anno estudando.

— Dê uma prova.

— Hoje não, obrigado! Esta é minha senhora...

— O trecho é difficil.

— Difficil? Difficil isto? *"There was, says Walter Scott, a boy in my class who stood always at the top, and I could not, with all my efforts, supplant him"*!!!

— E' difficil, sim, doutor.

— Assim, eu não poderei approval-a. Não sabe nem traduzir 26 palavras...

O silencio na sala era absoluto. Josette estava esmagada. Os collegas, desdenhados por ella, estavam penalizados. Depois de cinco minutos de ansiedade geral, inclusive dos proprios examinadores, Josette endireitou a boina e disse ao lente:

— Conheço os principaes autores inglezes. Quer fazer-me algumas perguntas sobre literatura?

— Isso não faz parte do programma, mas, para salval-a, poderei inquiril-a sobre esse assumpto.

— Obrigada, doutor. Póde perguntar-me o que quizer.

— Então diga-me somente isto: qual é a principal obra de Walter Scott? Ora, doutor! A principal obra de Walter Scott é... é... a Emulsão de Scott.

— O seu bilhete só hontem lhe foi entregue, declarou Holmes.

— Santo Deus! Que semana ella não passaria!

— A policia traz vigiado o tal Lascar, declarou o inspector Bradstreet, e percebo optimamente que elle não fosse deitar a carta ao correio sem que déssem por isso. Provavelmente entregal-a-ia a algum marinheiro seu freguez, a quem esqueceria na algibeira uns dias.

— Eis o que foi confirmou Holmes meneando a cabeça, affirmativo. Não ha duvida. Já de alguma vez foi multado por mendigar?

— Mais de uma, mas que me importavam as multas?

— E agora, liquidemos este negocio, ponderou Bradstreet. Se a policia tiver que pôr uma pedra sobre o caso, o Hugo Boone tem que desapparecer.

— A isso me comprometto mediante o juramento mais solenne, que qualquer homem possa fazer.

— Nesse caso, cessa desde já o nosso papel. Mas lembre-se de que se lhe tornarem a deitar a unha, declararemos tudo. Senhor Holmes, muito gratos lhe ficamos por haver tirado a limpo este caso. Quem me dera conhecer o seu methodo?

— D'esta vez, consistiu em me repimpar em cima de cinco almofadas e consumir um pacote de fumo. Você que diz Watson, está-me parecendo que nós, tomando um carro, ainda chegaremos a Baker-Street á hora de almoço não é?

F I M

No proximo numero, do mesmo autor: — O Carbunculo Azul

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 ») .... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 70$000
Semestre (26 ») .... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 78$000
Semestre (26 ») .... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 115$000
Semestre (26 ») .... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: — THESOUREIRO:

Gustavo Barroso — Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

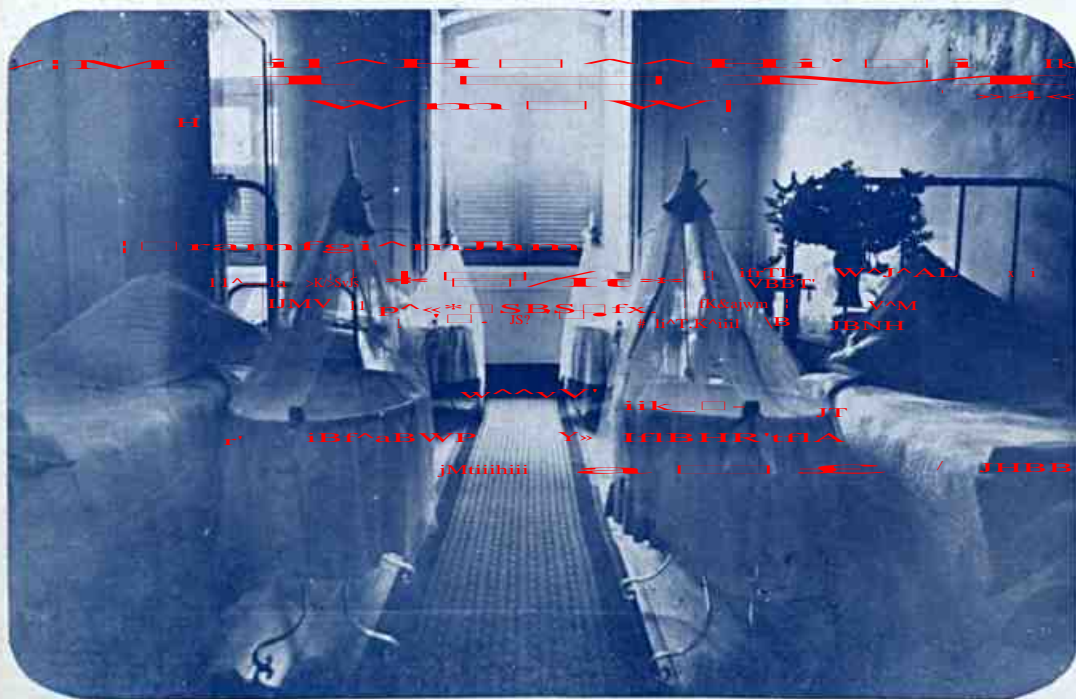
FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ..... 1$500

CASA DE SAUDE DR. FRANCISCO GUIMARÃES

MATERNIDADE COM 4 LEITOS

Parto e estadia durante 10 dias: 800$000

RUA ARISTIDES LOBO, 115 — TELEF. 8-3957

O Alfinete a Machuca?

A criança chora, esperneando-se no berço, com gritos de dôr. O alfinete de segurança estará, por acaso, a magoal-a?

Não! Seu estomago delicado ingeriu o conteúdo da mammadeira, mas não o tolera. Colicas! Convulsões! Vomitos de leite coalhado.

Mãe: Para evitar sustos e mal-estar ao seu filhinho,

(Uma colherzinha misturada com o conteúdo da mammadeira, em vez de "agua de cal", evitará colicas e manhas.)

LEITE DE MAGNESIA DE *Phillips*

O antiacido-laxante ideal

EVITE AS IMITAÇÕES!

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Ouvidor, 98
Rio

S. Bento, 35
S. Paulo